

SE EU PUDESSE... FALARIA ONDE DÓI

Os Desafios e Emoções da Medicina Veterinária

Mário Filho



SE EU PUDESSE... FALARIA ONDE DÓI

Os Desafios e Emoções da Medicina Veterinária



Mário dos Santos Filho

Vassouras, 2025



"Os animais nos ensinam sobre amor puro, lealdade incondicional e a verdadeira essência da compaixão."

©2025. Universidade de Vassouras

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Dr. Marco Antonio Soares de Souza

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica da Universidade de Vassouras

Dr. Carlos Eduardo Cardoso

Coordenadora Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária

Drª Erica Cristina Rocha Roier

Editora-Chefe das Revistas Online da Universidade de Vassouras

M. Sc. Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

Editora Executiva das Produções Técnicas da Universidade de Vassouras

Dra. Paloma Martins Mendonça

Editoração

Mário dos Santos Filho

Modo de acesso: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/PT/article/view/5311>

Se1

Se eu pudesse... falaria onde dói: os desafios e emoções da Medicina Veterinária / Organização de Mário dos Santos Filho – Vassouras : Universidade de Vassouras, 2025.

1 recurso online (142 p.)

Recurso eletrônico

ISBN: 978-65-83616-07-4

1. Veterinária. 2. Empatia. I. Santos Filho, Mário dos. II. Universidade de Vassouras. III. Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de responsabilidade de seus autores. As informações nele contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

Prefácio

A medicina veterinária é feita de ciência, técnica e estudo, mas também de humanidade. Este livro não é apenas sobre casos clínicos, diagnósticos e tratamentos. É sobre o que acontece nos bastidores da profissão: o peso das decisões, os dilemas morais, o aprendizado constante e as cicatrizes invisíveis que carregamos ao longo da jornada.

Escrevo estas páginas não apenas como veterinário, mas como alguém que viveu intensamente cada história narrada aqui. Durante minha residência em Cardiologia e Doenças Respiratórias, no primeiro ano de um programa desafiador, vi de perto o impacto do descuido, da falta de informação e, muitas vezes, do amor mal orientado. A sala de cardiologia, localizada estrategicamente na porta de entrada do hospital, era o palco diário de emergências que testavam nosso preparo e, acima de tudo, nossa resiliência.

A relação entre tutores e seus animais é, sem dúvida, uma das conexões mais belas que podemos testemunhar. Mas, como tudo que envolve amor, também traz consigo falhas, arrependimentos e despedidas dolorosas. Vi tutores implorando por uma segunda chance que nunca chegaria, lágrimas de culpa escorrendo por rostos que, até minutos antes, não imaginavam que poderiam perder o que mais amavam.

Este livro é um reflexo dessas experiências. Ele nasce do desejo de compartilhar não apenas o lado técnico da profissão, mas os momentos que nos transformam enquanto veterinários e seres humanos. Aqui, você encontrará histórias de luta, de perda, de aprendizado e, acima de tudo, de respeito pela vida.

Que estas páginas sirvam como um convite à reflexão. Que os tutores se conscientizem do impacto de suas escolhas e que os futuros veterinários se preparem não apenas para salvar vidas, mas para carregar o peso daquilo que não pode ser salvo. A medicina veterinária é feita de ciência, mas também de coração - e, algumas vezes, de cicatrizes que jamais se fecham.

Sumário

| | |
|---|-----|
| Prólogo | 08 |
| Capítulo 1: O Primeiro Suspiro | 09 |
| Capítulo 2: A Batalha Contra o Tempo | 16 |
| Capítulo 3: Quando o Amor e a Dor Se Encontram | 24 |
| Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros | 32 |
| Capítulo 5: O Desespero de um Tutor | 41 |
| Capítulo 6: Quando o Dono Também Precisa de Cuidado ... | 49 |
| Capítulo 7: O Grito Silencioso dos Felinos | 57 |
| Capítulo 8: A Última Esperança | 64 |
| Capítulo 9: Quando o Veterinário Chora | 71 |
| Capítulo 10: A Energia que Transforma | 79 |
| O Poder dos Laços de Adoção | |
| Capítulo 11: O Peso Que Não Se Carrega Sozinho | 90 |
| Capítulo 12: Os Contrastes da Lealdade | 96 |
| Capítulo 13: O Dia em Que Tudo Valeu a Pena | 104 |
| Capítulo 14: O Olhar Que Agradece | 111 |
| Capítulo 15: O Coração Que Guia | 117 |
| A recompensa Que Vem | |
| Epílogo: Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói | 124 |
| Glossário de Termos Técnicos | 133 |
| Índice Remissivo | 139 |



Dedicatória

Aos pacientes de quatro patas, que
sem dizer uma única palavra nos
ensinam tudo sobre lealdade,
gratidão e amor incondicional.

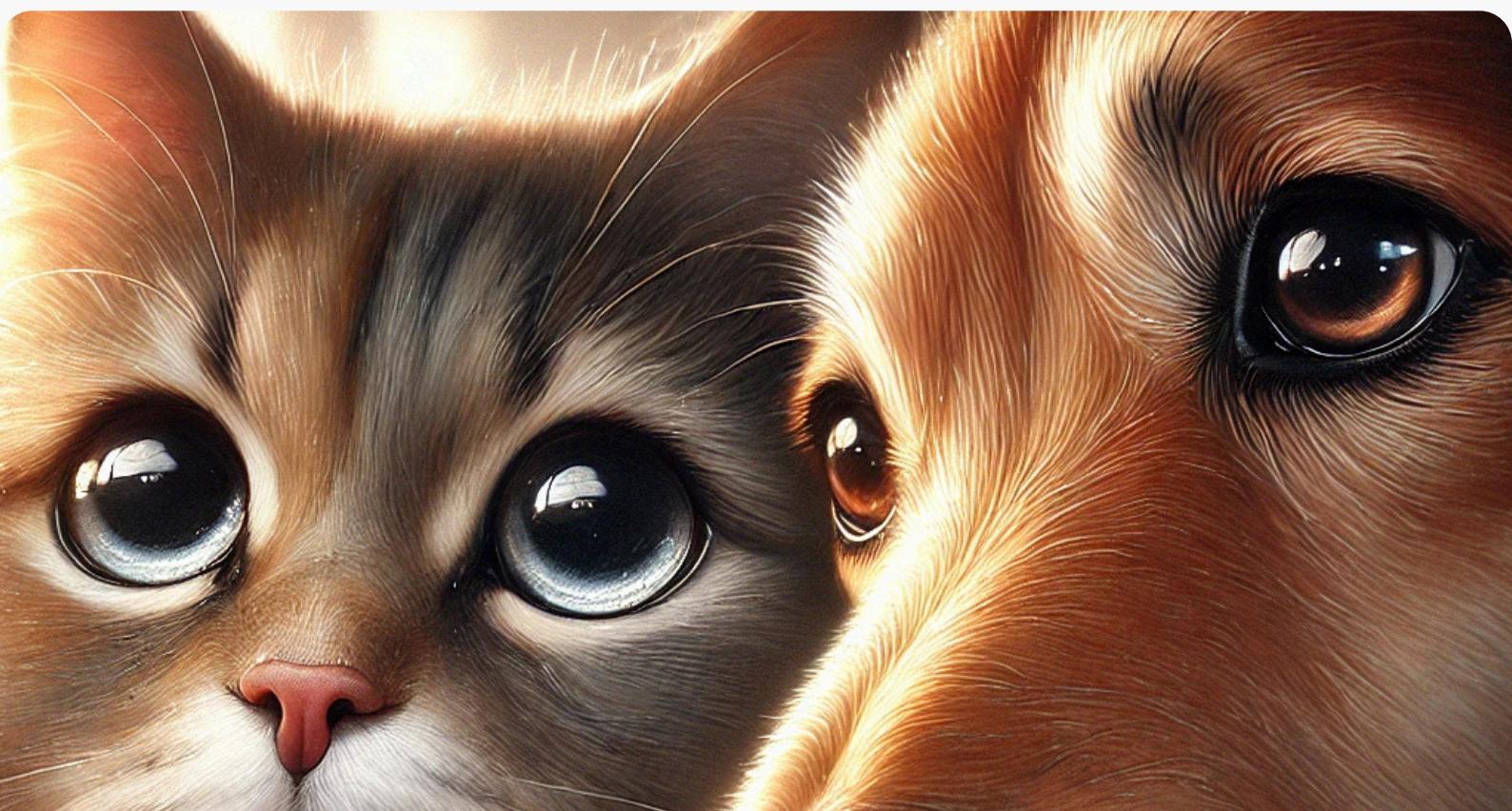


Prólogo

Ser veterinário não é apenas um ofício. É uma missão. Todos os dias, somos médicos, psicólogos, cirurgiões, cuidadores e, muitas vezes, portadores de notícias difíceis. Nossa profissão exige conhecimento, mas também exige coração. É um chamado que envolve alegria e frustração, vitórias e derrotas, esperança e, em muitos momentos, lágrimas.

Este livro é um convite para entrar no meu mundo. Um mundo onde os pacientes não falam, mas dizem tudo com o olhar. Onde a empatia precisa ser afiada como um bisturi e onde a ciência caminha lado a lado com o amor.

Aqui, compartilho histórias reais que marcaram minha trajetória. Algumas com finais felizes, outras com lições difíceis, mas todas repletas de emoções.



Capítulo 1: O Primeiro Suspiro



Capítulo 1: O Primeiro Suspiro

A primeira vez que segurei um paciente em estado crítico foi um dos momentos mais intensos da minha vida.

Até aquele dia, eu acreditava que estava pronto para tudo, que os anos de faculdade haviam me dado as ferramentas necessárias para enfrentar a rotina de uma clínica veterinária.

Mas nada nos prepara verdadeiramente para o peso de uma vida em nossas mãos.

A clínica estava um caos, como sempre em dias de pico. Os telefones tocavam sem parar, os pacientes se acumulavam, e a equipe corria em todas as direções, tentando lidar com a demanda.

Era um dia como outro qualquer, daqueles que parecem engolir o tempo, onde mal conseguimos respirar. Eu ainda me sentia um novato ali, recém-formado, tentando provar a mim mesmo que era capaz, que todo o esforço e dedicação haviam valido a pena.

A sensação de insegurança que eu sentira nos primeiros dias nunca me deixou de todo; o medo de não saber o que fazer, de errar, estava sempre ali, esperando para me pegar desprevenido.

Foi então que a porta se abriu, e um senhor idoso entrou, segurando nos braços um pequeno filhote de labrador.

Capítulo 1: O Primeiro Suspiro

O tempo ao meu redor pareceu desacelerar.

Eu vi, mas não pude compreender totalmente o que estava acontecendo; algo dentro de mim se apertou.

Ele se aproximou do balcão e, com a voz trêmula, disse:

— Por favor, ele está muito mal...

A recepcionista me olhou, e naquele instante, eu soube que a responsabilidade era minha.

Meu coração disparou, mas eu respirei fundo e, com uma rapidez que mal entendi, fui até ele.

Segurei o filhote com todo o cuidado que pude. Seu corpinho estava quente, mas frágil, como uma folha prestes a se desintegrar ao toque.

Ele respirava com dificuldade, seu peito arfava com cada tentativa de ar, e os olhos negros, profundos e quase desesperados, me encaravam com uma suplica silenciosa.

— Ele começou assim do nada, doutor... Ontem estava correndo e brincando. Hoje mal consegue levantar a cabeça.

Examinei-o rapidamente, os meus olhos percorrendo cada detalhe com a precisão de quem já treinara a vida inteira para momentos como aquele.

Capítulo 1: O Primeiro Suspiro

O abdômen distendido, a respiração ofegante, as gengivas pálidas...

Algo estava muito errado. Minha mente correu por um turbilhão de possibilidades. O que poderia ser?

Parvovirose? Obstrução intestinal? Intoxicação? O medo de não ter uma resposta clara apertou meu peito de forma quase sufocante.

Respirei fundo e olhei para o tutor. Eu sabia que precisava demonstrar confiança, mesmo que, por dentro, estivesse completamente aterrorizado.

— Vamos fazer alguns exames, mas preciso interná-lo agora mesmo.

Ele assentiu com um movimento quase imperceptível, engolindo o choro, mas uma lágrima escorreu pelo seu rosto, traíndo a emoção que ele não conseguia controlar.

Quando segurei sua mão, senti o peso da sua expectativa, a firmeza de quem depositava em mim sua última esperança.

Colocamos o filhote em oxigênio, fizemos exames de sangue e realizamos um ultrassom abdominal às pressas.

Cada segundo parecia uma eternidade, como se o tempo estivesse conspiração para me deixar ainda mais ansioso.

Capítulo 1: O Primeiro Suspiro

Os resultados chegaram rapidamente e confirmaram o que eu temia: uma grave infecção intestinal, provavelmente de origem viral.

O prognóstico era reservado. Eu sabia que precisava ser realista, mas ao mesmo tempo, não queria tirar a última fagulha de esperança daquele homem.

Ele já parecia ter tão pouco de si mesmo, tão pouco de força, e eu sabia que as palavras que eu falasse agora poderiam fazer a diferença.

— Ele está muito doente, mas vamos lutar. Ele precisa de fluidoterapia, antibióticos e muita atenção. A noite será decisiva.

O tutor assentiu, seu semblante marcado pela dor e pela angústia. Antes de sair, abaixou-se ao lado da incubadora onde o filhote descansava e sussurrou:

— Seja forte, meu amigo. Eu ainda preciso de você.

Essas palavras me atingiram com uma força inesperada, como se tivessem sido um soco direto no meu peito.

A noite passou em um borrão. Eu estava ao lado daquele pequeno guerreiro, acompanhando sua luta, suas oscilações entre melhora e piora, que desafiavam minha paciência e minhas emoções.

Capítulo 1: O Primeiro Suspiro

Eu sabia que, estatisticamente, casos assim eram extremamente difíceis. Mas será que ele sabia disso?

Porque, de alguma forma, parecia estar lutando, como se a vida ainda tivesse algo a lhe oferecer.

Entre uma medicação e outra, olhei para o filhote e me lembrei de algo que um professor muito querido disse no início da faculdade:

— "Ser veterinário não é apenas tratar doenças. É dar esperança, mesmo quando a ciência diz que não há muito o que fazer."

Naquele momento, entendi com clareza o que ele quis dizer. A medicina veterinária não é apenas sobre o diagnóstico, mas sobre o impacto que temos na vida dos nossos pacientes e de seus tutores.

Era sobre lutar, mesmo quando todas as evidências pareciam apontar para a derrota.

Quando o sol começou a nascer, eu olhei para o filhote com um misto de medo e expectativa. Será que ele ainda estaria ali? Será que sua respiração já teria cessado?

Para minha surpresa, ele abriu os olhos. Pequenos, brilhantes, cansados, mas vivos.

Capítulo 1: O Primeiro Suspiro

E então, com um esforço visível, abanou levemente o rabinho.

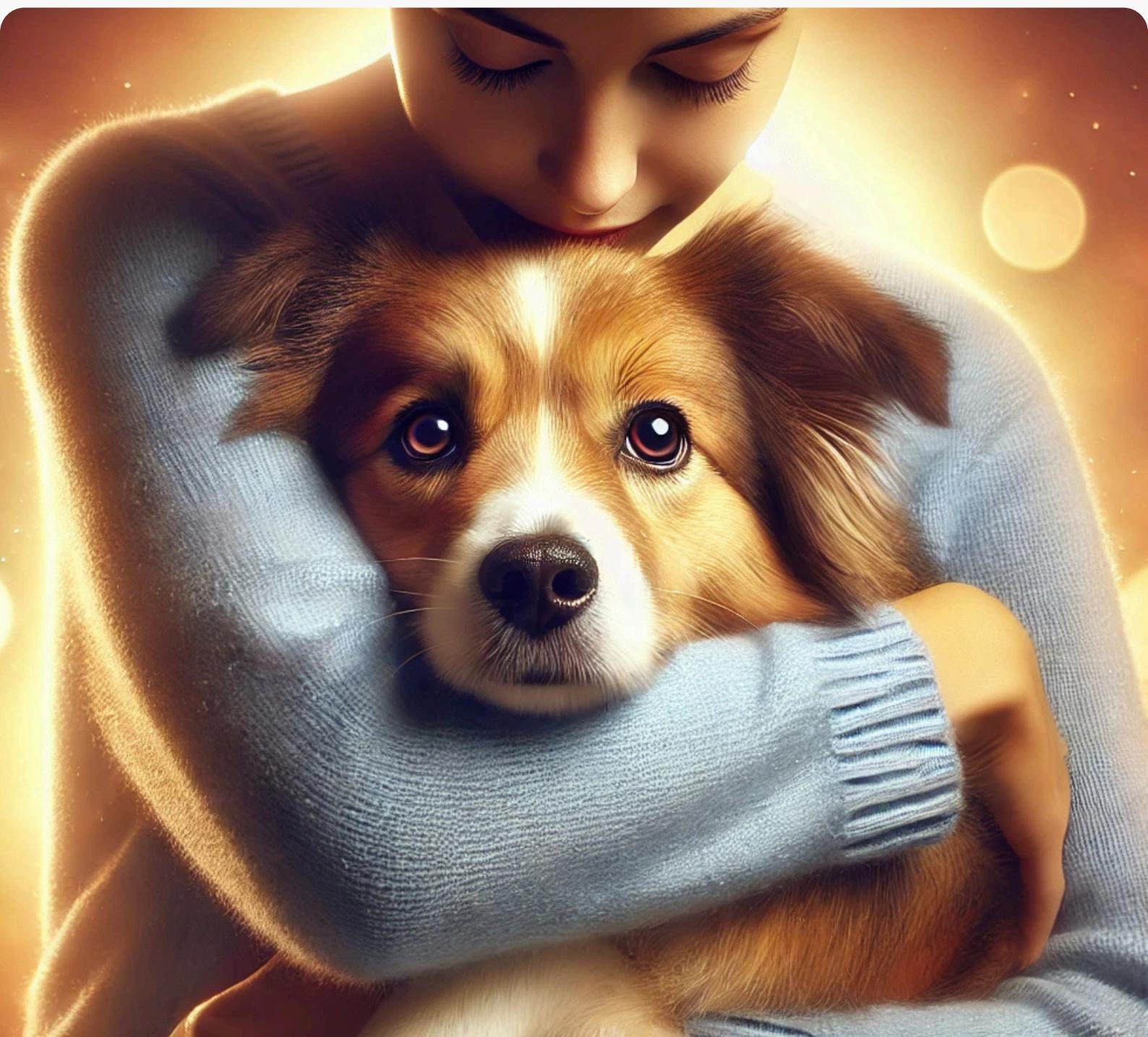
Eu sorri aliviado. A tensão se dissipou um pouco.

Ele ainda estava ali. Ainda havia esperança.

E, pela primeira vez em horas, ele respirou fundo e sem esforço, como se fosse possível acreditar que, de algum modo, ele estava vencendo.



Capítulo 2: A Batalha Contra o Tempo



Capítulo 2: A Batalha Contra o Tempo

O telefone tocou no meio da madrugada, rompendo o silêncio pesado da minha cama. Meu coração acelerou antes mesmo de atender.

Telefonemas nesse horário raramente trazem boas notícias, e o pressentimento de que algo grave estava por vir me arrepiou.

— Doutor, pelo amor de Deus, preciso de ajuda! Minha gata foi atropelada! Ela está sangrando muito! — A voz do outro lado da linha era um misto de pavor e desespero.

Saltei da cama, sentindo o frio da madrugada invadir meu corpo. Vesti rapidamente um moletom, peguei minha bolsa e saí em direção ao carro, ainda com os reflexos atordoados, mas a mente já começava a trabalhar a mil.

Quais poderiam ser os ferimentos? Trauma torácico? Fraturas múltiplas? Hemorragia interna grave? A experiência já me alertara: em situações de atropelamento, o tempo é implacável e nosso pior inimigo.

Cheguei à clínica antes mesmo de processar completamente o que estava acontecendo.

A luz da recepção piscava fracamente, lançando sombras no ambiente e o cheiro do desinfetante recém-aplicado misturava-se com o odor do café esquecido, já frio, no balcão.

Capítulo 2: A Batalha Contra o Tempo

Cada passo que eu dava parecia mais pesado, o som das minhas botas ecoando na quietude da madrugada.

A porta se abriu com força. O tutor entrou correndo, desesperado, com os olhos vermelhos e a respiração entrecortada.

Ele segurava um embrulho ensanguentado nos braços. Sua voz estava falha, tremendo de tensão.

— Ela ainda está viva! Mas não sei por quanto tempo...

Ao abrir a manta que envovia a gata, me deparei com um pequeno corpo “sialata”, miúdo, com pelagem branca e cinza agora manchada de sangue.

Mimi respirava com dificuldade, seu peito arfava, e um filete de sangue escorria do canto de sua boca.

Seus olhos estavam semiabertos, mas sem foco. A cena era angustiante, cada segundo parecia mais dilacerante.

Com urgência, coloquei-a na mesa de atendimento, minha mente trabalhando em turbilhão, mas a experiência me forçava a manter a calma.

— Nome dela? — perguntei, tentando conter o pânico que também ameaçava tomar conta de mim.

— Mimi.

Capítulo 2: A Batalha Contra o Tempo

Mimi estava em choque. Suas mucosas estavam pálidas, o pulso fraco e irregular. Toquei seu abdômen e imediatamente senti uma resistência preocupante. Hemorragia interna, provavelmente.

O pensamento gelado atravessou minha mente, e meu corpo reagiu com o impulso de agir, rapidamente.

— Vamos correr! — ordenei à equipe, que já começava a se reunir no plantão.

Com uma precisão automática, colocamos um cateter intravenoso e iniciamos a fluidoterapia.

Cada segundo, cada movimento, estava sendo calculado.

Eu administrei analgésicos, oxigênio para ajudá-la a respirar, tentando ao máximo estabilizá-la antes de saber a verdadeira extensão dos danos.

Enquanto isso, o tutor estava paralisado no canto da sala, com as mãos trêmulas, os olhos fixos nela, sem piscar.

Cada olhar dele era uma súplica silenciosa, um pedido desesperado para que sua amiga sobrevivesse.

— Ela vai ficar bem, doutor? — a pergunta saiu de seus lábios em um sussurro, quebrado pela dor.

Capítulo 2: A Batalha Contra o Tempo

Eu queria ter uma resposta definitiva, queria poder prometer a ele que Mimi sobreviveria, mas a verdade era dura e intransigente. Eu ainda não sabia a extensão do dano.

— Faremos tudo o que pudermos. Mas ela está muito grave.
— minha voz saiu mais firme do que eu me sentia por dentro.

Fizemos um ultrassom emergencial, e o que temia se confirmou: líquido livre no abdômen. Hemorragia interna. A necessidade de cirurgia era imediata.

— Ela precisa de cirurgia AGORA. — A palavra "agora" parecia ecoar em minha mente com uma urgência insuportável.

Sem hesitar, vesti o capote cirúrgico, luvas e máscara. A equipe, em sincronia absoluta, começou os preparativos.

Mimi foi levada à mesa de cirurgia, entubada, e a anestesia foi administrada. Eu me mantive como um auxiliar desajeitado. O centro cirúrgico não era minha "praia". Enquanto os colegas com toda expertise seguiam com plano.

O tempo era uma correnteza que não parava de correr. O tutor estava ali, com os olhos carregados de medo, suas mãos suadas apertando um pedaço de pano.

Capítulo 2: A Batalha Contra o Tempo

— Por favor, salve minha menina. — A súplica dele me cortou, mas ao mesmo tempo me deu forças para continuar. Eu não podia falhar.

A sala de cirurgia estava fria, mas o calor da responsabilidade queimava em mim. A incisão foi feita, e rapidamente o baço dilacerado apareceu diante de meus olhos.

A hemorragia era intensa, e precisava ser estancada. Cada movimento meu no auxílio, cada sutura, cada manobra feita foi uma luta contra o relógio, uma batalha árdua para salvar aquela vida.

Finalmente, conseguimos remover o baço e estancar o sangramento. Mas Mimi estava extremamente fraca.

Sua pressão arterial caía a cada segundo, seus batimentos cardíacos diminuíam a cada respiração que tomava.

A anestesista me olhou, preocupada, e seu olhar estava tão desesperado quanto o meu.

— Ela está instável. Não sei se vai aguentar.

Meu coração disparou.

O tempo estava passando, e, por mais que tentássemos, a vida de Mimi parecia escapar por entre nossos dedos.

Capítulo 2: A Batalha Contra o Tempo

A equipe continuou com manobras de ressuscitação.

Medicamentos, aquecimento, suporte ventilatório.

Mimi estava lutando, mas a batalha estava se tornando desleal. O coração dela estava lentamente desacelerando, até que, com um último suspiro, parou.

— Mimi... não... — sussurrei, minha voz rouca de desespero.

Eu não podia acreditar no que estava acontecendo. A dor no meu peito era insuportável, mas a dor do tutor, ainda mais.

Tentamos reanimá-la, massageando seu tórax, aplicando adrenalina, ventilando, mas não havia resposta.

O tempo venceu. O relógio finalmente se impôs.

Saí da sala de cirurgia, meu corpo pesado, minha mente exausta. Quando vi o tutor, ele já sabia.

Ele levantou os olhos para mim antes mesmo que eu abrisse a boca para falar.

— Não... — Ele não precisava de mais palavras.

A dor que ele sentia era quase palpável.

Capítulo 2: A Batalha Contra o Tempo

Ele desabou, o choro silencioso tomado pela perda, enquanto apertava contra o rosto a manta ensanguentada que havia sido a última coisa a aquecer sua gatinha.

Me aproximei devagar, tocando o ombro dele, tentando encontrar as palavras que nunca parecem ser suficientes.

— Ela não sofreu no fim. E ela sabia que você estava aqui. Você fez tudo por ela. — O que mais poderia dizer?

Mas, no fundo, eu sabia que aquelas palavras nunca seriam suficientes. Porque, no fundo, sempre sentimos que poderíamos ter feito mais.

Às vezes, ser veterinário significa lutar contra o tempo e perder.

E essa é uma dor que nunca se torna mais fácil de suportar.



Capítulo 3: Quando o Amor e a Dor Se Encontram



Capítulo 3: Quando o Amor e a Dor Se Encontram

Nenhuma aula da faculdade me preparou para aquele momento.

Eu sabia que, cedo ou tarde, teria que enfrentar esse dilema.

A eutanásia sempre seria uma parte da medicina veterinária, mas como aceitar que a solução para o sofrimento de um animal fosse também a despedida definitiva?

Não bastava saber que era uma prática comum, era preciso lidar com ela, com a dor e a responsabilidade de uma decisão tão complexa.

Ele era um golden retriever idoso. Max. Doze anos de lealdade inabalável, doze anos de amor sem medida.

Sua tutora, uma senhora de cabelos grisalhos e olhos cansados, segurava suas patas com uma ternura profunda, como se tentasse impedir que o tempo o levasse para longe dela.

Max não conseguia mais andar. Seus músculos, que um dia foram fortes e ágeis, haviam desistido da luta.

Seus olhos, antes brilhantes e vivos, agora estavam nublados, carregando uma súplica silenciosa, como se estivesse pedindo por um fim digno.

Capítulo 3: Quando o Amor e a Dor Se Encontram

Ele não comia havia dias, mal conseguia levantar a cabeça. O sofrimento era visível, e eu sabia, no fundo, que nada poderia mudar o destino que o aguardava.

Tentei oferecer alternativas. Analgesia, fluidoterapia, até mesmo um suporte nutricional. Mas a verdade era que, por mais que tentássemos, nada traria a melhora que ele precisava. O corpo de Max já estava exausto, e sua mente parecia ter se rendido.

— Eu só não quero que ele sofra... — A voz da senhora saiu fraca, embargada pela dor que só quem vive um amor tão profundo por um animal consegue entender.

Eu respirei fundo, tentando manter a calma. O desafio não estava apenas em ser profissional, mas em lidar com a emoção que se fazia presente, como uma nuvem densa, cobrindo cada passo.

— O que podemos fazer por ele agora é garantir que vá em paz, sem dor.

Ela assentiu lentamente. Seus olhos, que pareciam carregados de dor, também refletiam um cansaço, uma aceitação triste, mas profunda.

Sabia que era a decisão certa, mas isso não tornava o momento mais fácil. Nenhum ser humano pode estar preparado para dar o último adeus a um amigo tão leal.

Capítulo 3: Quando o Amor e a Dor Se Encontram

Expliquei o processo com a maior tranquilidade que consegui reunir.

Primeiro, Max receberia um sedativo para dormir profundamente. Em seguida, um segundo medicamento garantiria que ele partisse sem sofrimento.

— Eu posso ficar com ele até o fim? — Ela perguntou, a voz rouca de emoção.

— Claro. Ele saberá que você estará ao seu lado, até o último momento.

Colocamos Max sobre uma manta macia, e ela se ajoelhou ao seu lado, segurando sua pata com uma força que só o amor é capaz de gerar.

Seus dedos trêmulos acariciavam sua cabeça com ternura, enquanto lágrimas silenciosas caíam sobre o pelo dourado e macio.

Max parecia estar descansando, como se soubesse que a decisão estava feita.

— Você foi o melhor companheiro que eu poderia ter... Obrigada por tudo.

Minha garganta apertou.

Capítulo 3: Quando o Amor e a Dor Se Encontram

Eu precisava ser profissional, mas naquele momento, eu era apenas uma pessoa, sentindo a mesma dor da tutora, compartilhando aquele adeus, mesmo sendo eu quem tivesse que tomar a última decisão.

Peguei a seringa de propofol e conectei ao cateter.

O coração batia mais rápido no meu peito, como se quisesse fugir daquele momento que, embora fosse necessário, me causava um nó na garganta.

O momento que eu tanto temia havia chegado.

Empurrei o êmbolo lentamente.

Max suspirou profundamente. Seus olhos se fecharam, e seu corpo, finalmente, relaxou.

Ele parecia estar livre da dor, pela primeira vez em muito tempo. O alívio estava estampado em seu semblante.

A senhora chorava em silêncio, beijando a cabeça dele com a suavidade de quem se despede de uma parte de sua alma.

— Dorme bem, meu menino... — ela sussurrou com um amor que transbordava, um amor que transcende até a morte.

Capítulo 3: Quando o Amor e a Dor Se Encontram

Esperei alguns segundos para garantir que ele estava inconsciente.

Não havia mais dor, apenas um sono profundo.

O segundo medicamento, cloreto de potássio, estava na seringa à minha frente.

Parecia pesar dez vezes mais naquela hora, como se o mundo tivesse parado para me observar. Minhas mãos tremiam.

A mente se dividia entre o que eu sabia ser o certo e a emoção que insistia em me paralisar.

Isso é o certo. Ele não precisa mais sofrer.

Mas, mesmo sabendo que era um ato de misericórdia, o peso da decisão não se aliviava.

A vida de um ser, qualquer que fosse, é sempre preciosa demais para ser tirada, mesmo que de forma planejada e cuidadosa.

Injetei o cloreto de potássio. Segundos depois, o monitor ao lado dele mostrou o inevitável: uma linha reta.

O coração de Max havia parado.

Capítulo 3: Quando o Amor e a Dor Se Encontram

Mas o amor ficou.

A senhora encostou a testa no focinho dele, seus soluços vindos de um lugar profundo, silencioso.

Não havia arrependimento, apenas dor.

A dor do adeus, mas também uma imensa gratidão por todos os anos compartilhados, por toda a fidelidade e amor que ela havia recebido.

Enquanto saía da sala, uma sensação de vazio me tomou. Engoli em seco, tentando controlar o turbilhão de emoções.

Eu sabia que nunca esqueceria aquele momento, minha primeira eutanásia.

Havia sido doloroso, mas também um aprendizado que nenhum livro poderia me ensinar: às vezes, amar significa saber a hora de deixar ir.

Naquela noite, adormeci exausto, mas com o coração pesado, o rosto de Max ainda tão vívido em minha mente.

Ele não estava mais sofrendo, mas a dor do adeus parecia me acompanhar, me atormentar.

Capítulo 3: Quando o Amor e a Dor Se Encontram

E então, no meio do silêncio do meu sonho, ele apareceu. Max. O mesmo golden retriever dourado, agora forte, saudável.

Ele corria livremente por um campo verde, seu rabo balançando em pura felicidade, seu corpo ágil e leve como no auge de sua juventude.

Ele parou diante de mim e olhou nos meus olhos, sua boca se abrindo num sorriso canino, aquele sorriso cheio de gratidão e alegria.

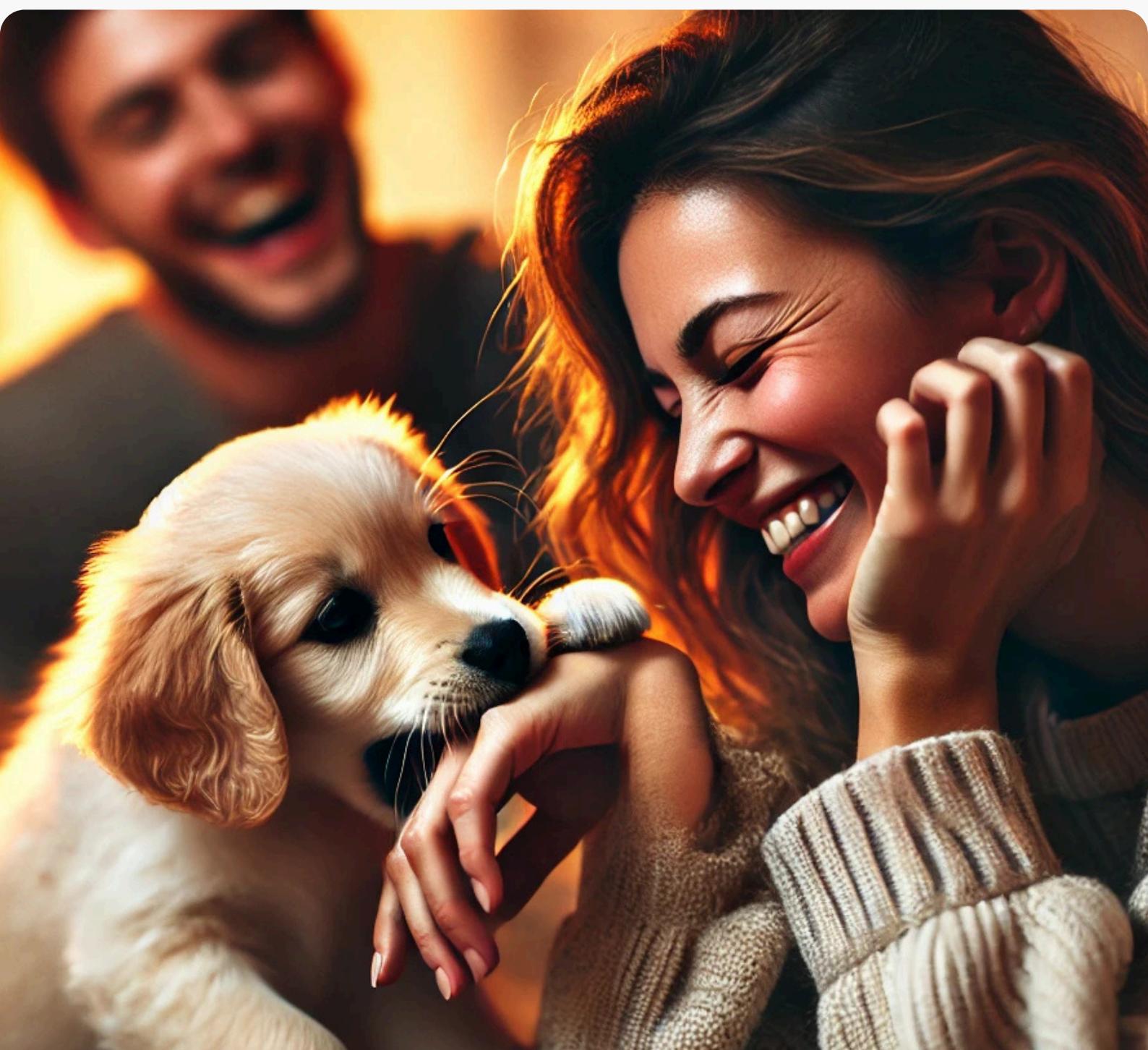
— Obrigado. Eu estava cansado. Agora, eu posso correr de novo.

Acordei com uma lágrima escorrendo pelo travesseiro e um nó na garganta. O sonho se dissipava como névoa ao amanhecer, mas a sensação de paz que me invadiu foi diferente de qualquer outra coisa que já senti.

Pela primeira vez desde aquele dia, eu senti que, de alguma forma, tudo estava bem. Max estava em paz, livre da dor, e eu, finalmente, também podia encontrar a paz que tanto busquei em meio àquele adeus.



Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros



Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros

O cenário da clínica veterinária, com suas paredes brancas e cheias de frascos, seringas e equipamentos, muitas vezes se torna palco de contrastes intensos.

De um lado, há a calma das consultas rotineiras, com cães e gatos que chegam confiantes ou pelo menos resignados a seus destinos.

Do outro, o caos de animais assustados ou com dor, cujas reações podem ser imprevisíveis.

Aqui, a primeira lição que aprendi foi que, como veterinário, nem sempre o comportamento dos animais segue os estereótipos que tentamos impor a eles.

Afinal, quem pode realmente prever o que se passa na mente de um ser que não pode se expressar em palavras?

Por muito tempo, acreditei que os cães que mais precisavam de cuidados especiais eram aqueles com fama de ferozes, como rottweilers ou pitbulls.

Afinal, esses cães são frequentemente retratados na mídia como agressivos e perigosos.

Mas, com o tempo, aprendi que a verdadeira surpresa não está onde esperamos, mas nas situações mais inusitadas.

Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros

Um dos primeiros exemplos disso ocorreu de maneira irreversível, marcando minha experiência de uma forma que, até hoje, me acompanha.

Ele se chamava Bob, e até aquele dia, Bob seria o último cão de que eu esperaria uma reação agressiva.

Um labrador, de pelo dourado e sorriso fácil, esse cachorro era o estereótipo da doçura canina.

No entanto, a vida, com seu senso irônico, tratou de me ensinar que a dor pode alterar qualquer comportamento.

O osteossarcoma que corroía seu osso já havia atingido um estágio avançado, e cada toque que eu dava sobre sua perna era uma dor terrível para ele.

Quando tentei palpar o membro para examinar melhor a extensão do problema, Bob, num gesto instintivo, me mordeu.

A cena ficou congelada por um segundo.

O olhar de surpresa em seu rosto, a dor nos olhos do tutor, e o meu próprio choque, com a mão presa entre os dentes de um cachorro que jamais imaginei morder.

Bob imediatamente soltou minha mão, como se quisesse se desculpar.

Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros

Seu olhar foi claro: ele não tinha a menor intenção de me machucar.

Como um ser humano em um momento de desespero, ele reagiu ao que sentia. No fundo, ele não queria aquilo.

E, enquanto verificava minha mão, que começava a pulsar em dor, uma sensação de empatia se instalou dentro de mim.

O que parecia um ato de agressão estava, na verdade, enraizado no sofrimento. Dor era o verdadeiro inimigo.

— Não foi culpa dele — disse ao tutor, tentando tranquilizá-lo.

O mais curioso é que, depois desse episódio, uma lição ficou gravada em minha mente: o comportamento de um animal não pode ser medido apenas por suas atitudes externas, principalmente quando ele se encontra em sofrimento.

Em momentos de dor extrema, até o cão mais dócil pode reagir de forma inesperada.

E, apesar da mordida, algo mais curioso aconteceu: minha confiança nos pitbulls, tradicionalmente vistos com receio por muitos, cresceu.

Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros

Eles nunca me morderam. Aliás, muitos dos "cães ferozes" que eu encontrei ao longo da carreira se mostraram mais dóceis e receptivos do que eu poderia imaginar.

E Bob, aquele labrador, me mostrou que a ferocidade de um animal muitas vezes é apenas uma máscara que esconde medos profundos e dor.

Mas, no mundo dos animais, nem todo desafio se esconde na dor. Alguns cães podem ser um verdadeiro teste de paciência e habilidade, não pela dor, mas pela personalidade indomável que demonstram.

Os Verdadeiros Desafios

Cães com fama de "difíceis", como rottweilers, dobermans e pitbulls, eram, para mim, desafios previsíveis.

No entanto, o verdadeiro desafio, na minha experiência, vem dos cães de temperamento mais... errático.

Os pinschers. Esses pequenos ferozes, muitas vezes compactos, barulhentos e impetuosos, são os que mais me fizeram suar.

Uma vez, Zeus, um pinscher de apenas 3 quilos, me fez mais suar do que um pastor alemão de 40kg.

Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros

Precisávamos cortar suas unhas, um procedimento simples, mas Zeus parecia mais disposto a lutar até a morte para evitar isso.

Sua força era impressionante para seu tamanho, e, depois de uma luta que durou mais de meia hora, com a ajuda de técnicos e assistentes, conseguimos finalmente realizar o que parecia ser uma missão quase impossível.

Outro exemplo? Os Chow Chows, aqueles cães peludos que mais parecem ursos de pelúcia.

Eles podem parecer dóceis à primeira vista, mas, ao abrirem a boca, se transformam em criaturas de uma personalidade indomável, quase digna de uma lenda.

Não rosnam, mas julgam.

E, quando decidem morder, é como se fosse uma decisão calculada e fria, como se estivessem preparando um plano de ação.

E os pitbulls, esses cães que geram tanto receio? Muitas vezes, o maior choque vem justamente quando eles entram na clínica.

Ao contrário da imagem estereotipada de cães agressivos, os pitbulls que encontrei geralmente se deitam de barriga para cima e pedem carinho como se fossem uma versão gigante de um cachorro fofinho.

Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros

E, ao contrário do que muitos esperam, eu os percebo como extremamente afetuoso, muito mais dóceis do que a fama que carregam.

É claro que não sendo generalista, já atendi muitos Pinschers bonzinhos e muitos Pitbulls bravos de dar medo.

Falando nisso...

O Mistério dos Nomes Caninos

Algo que sempre me diverte em minha prática veterinária é o fenômeno curioso que envolve os nomes dos cães.

Não sei o que acontece, mas, geralmente, cães enormes e musculosos, aqueles que parecem saídos de filmes de ação, têm nomes como “Mel”, “Docinho” ou “Pipoca”.

Já os cães de pequeno porte, como chihuahuas ou shih-tzus, costumam carregar nomes como “Thor”, “Hulk” ou “Titã”.

Como, por exemplo, um poodle minúsculo chamado Brutus ou um fila brasileiro de 50 kg chamado Bolinha.

Quem explica essa ironia? Eu certamente nunca encontrei uma resposta lógica para essa curiosa inversão de nomes.

Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros

Pequenos Milagres

No entanto, por mais que as situações de mordidas, temperamentos difíceis e nomes engraçados sejam parte do cotidiano, também existem os momentos que realmente transformam a nossa prática.

Um desses momentos foi quando conheci Rex, um pastor alemão que chegou à clínica depois de ser resgatado de um caso de maus-tratos.

Ele estava magro, com cicatrizes espalhadas pelo corpo, e seu olhar refletia um terror profundo.

— Ele não confia em ninguém. — disseram.

Com paciência, comida e, principalmente, tempo, construímos uma relação de confiança.

Depois de semanas de trabalho, uma manhã, Rex, o cão que não permitia nem um toque, se aproximou e encostou a cabeça no meu joelho.

Foi um milagre. Ele, que antes temia qualquer ser humano, começou a confiar.

Naquele momento, soube que tinha conquistado sua confiança, e esse foi um dos maiores prêmios da minha carreira.

Capítulo 4: Entre Mordidas e Suspiros

Ser veterinário vai além do diagnóstico e da prescrição de medicamentos.

Trata-se de compreender os medos e as limitações de cada ser, respeitar seus limites e, principalmente, conquistar sua confiança.

Porque, no fundo, um animal nunca morde ou rosna sem motivo.

E às vezes, mesmo após uma mordida inesperada, você vê o arrependimento nos olhos dele e entende que, no fim das contas, ele nunca quis machucar.



Capítulo 5: O Desespero de um Tutor



Capítulo 5: O Desespero de um Tutor

Era um início de tarde de terça-feira, mais um dia quente e sufocante em Seropédica.

O calor era de derreter qualquer um, e não, não era exagero.

Em algumas partes da cidade, na sombra, a sensação térmica chegava facilmente aos 50 graus, como se a própria terra estivesse queimando.

Dentro do hospital, o ambiente estava abafado, e o ar condicionado fazia o que podia para amenizar a temperatura.

Eu estava sentado, realizando os primeiros laudos de eletrocardiograma do dia, quando o som frenético das portas se abriu com força, interrompendo minha concentração.

A porta da sala de cardiologia bateu abruptamente, e uma mulher entrou, correndo, com o rosto contorcido de desespero.

Nos braços, ela carregava um buldogue francês, já sem vida, com a língua roxa e sem pulso.

"Tirei do carro e ele caiu duro no chão! Doutor, pelo amor de Deus, salva ele!" Ela gritou, desesperada, enquanto se aproximava rapidamente.

Capítulo 5: O Desespero de um Tutor

Levantei-me, o coração acelerado, sabendo imediatamente o que estava acontecendo.

Um golpe de calor.

O buldogue, como tantos outros braquicefálicos, não suportou as altas temperaturas. Eu já tinha visto aquilo antes.

Com o calor intenso que dominava Seropédica, os cães braquicefálicos eram sempre os mais vulneráveis.

Corri até a mesa de emergência, e tentamos tudo o que estava ao nosso alcance. O ar-condicionado no máximo, oxigênio, compressas geladas... mas nada parecia dar certo.

O silêncio tomou conta da sala, e, ao olhar para o animal, sabia que não havia mais nada a fazer.

O cão já não respirava, e a sensação de impotência era esmagadora.

"Eu só saí por meia hora... Eu nunca imaginei que ele fosse passar mal assim...", soluçava a mulher, enquanto as lágrimas caíam.

Segurei sua mão, tentando, com palavras sinceras, aliviar um pouco sua dor.

Capítulo 5: O Desespero de um Tutor

Não é culpa sua... eles são mais sensíveis ao calor, a respiração difícil, a dificuldade de adaptação... às vezes, nem sabemos o quanto são vulneráveis até ser tarde demais."

Foi então que uma sensação de angústia e revolta tomou conta de mim.

Não contra a tutora, que estava visivelmente arrependida, mas contra o próprio sistema que criava esses cães com tantas limitações físicas.

Cães adoráveis, sem dúvida, mas cujas anomalias causadas por cruzamentos irresponsáveis os tornavam tão suscetíveis ao sofrimento.

A raiva pela falta de consciência, pela negligência de muitos tutores e, principalmente, pela maneira como o homem criou essas raças, em busca de uma estética que ignorava a saúde, era algo que eu não conseguia controlar.

Eu sempre soubera das dificuldades respiratórias e da vulnerabilidade dos braquicefálicos, mas naquele momento, mais do que nunca, me senti impotente diante dessa cruel realidade.

Capítulo 5: O Desespero de um Tutor

A paixão pela profissão e o desejo de ajudar já haviam me levado a lidar com tantas situações difíceis, mas o que mais me machucava era saber que muitos desses animais nasceram com esses problemas devido a decisões humanas que priorizam a aparência em detrimento da saúde.

Mais tarde, quando finalmente consegui respirar um pouco, fui até o meu orientador para desabafar.

Ele estava em sua sala, passando os olhos por alguns relatórios e outras atividades, quando entrei.

"Como foi o dia?" Ele perguntou, com um olhar atento, sabendo que algo me incomodava.

"Mais um dia... uma perda difícil. Um buldogue francês, vítima do calor. Sinto como se nada fosse suficiente.

O que é mais frustrante é que eles nascem com tantos problemas por causa de um padrão estético criado pelo homem. Não sei se consigo lidar com isso por muito mais tempo."

Ele olhou para mim com calma, sem pressa de responder.

Depois de um longo silêncio, ele disse, com a sabedoria de quem já havia vivido muito mais situações destas do que eu:

Capítulo 5: O Desespero de um Tutor

"A sua missão, filho, não é mudar o mundo inteiro, nem corrigir os erros de todos. A sua missão é fazer a diferença na vida daqueles que você pode tocar.

Sim, o sistema está errado, e muitas vezes o que você faz pode parecer em vão, mas cada vida que você salva, cada conforto que você traz, é uma vitória.

Não se cobre tanto por aquilo que não pode controlar.

O trabalho diário de um veterinário não é só salvar, mas aliviar a dor, dar o máximo de si, mesmo quando não há esperança."

Suas palavras ficaram ecoando em minha mente. O calor da tarde parecia ter diminuído um pouco, mas a carga emocional que eu carregava parecia ainda mais pesada.

Ele tinha razão. Eu estava sendo colocado à prova naquele momento.

A realidade da profissão não era sempre heroica, como muitas vezes imaginamos no início da carreira.

Havia dias em que a derrota era tão certa quanto a tentativa de salvar, mas o importante era o esforço, o amor e o respeito por cada vida que cruzava nosso caminho.

Capítulo 5: O Desespero de um Tutor

Enquanto o dia se arrastava e o calor de Seropédica não dava trégua, eu refleti mais uma vez sobre minha escolha de vida, sobre os braquicefálicos que tanto amava, mas que estavam constantemente em risco devido à criação irresponsável.

O trabalho diário estava me ensinando que a linha entre o sucesso e o fracasso é tênue, mas não podemos nos deixar consumir pelas perdas.

Cada um de nós tem a responsabilidade de fazer o melhor possível para aqueles que estão ao nosso alcance. Isso era o que eu podia fazer naquele momento.

E, ao pensar nas palavras do meu orientador, lembrei-me de todas as vezes em que havia chegado a uma clínica à beira da exaustão, questionando se estava realmente fazendo a diferença.

Mas no momento em que eu segurava uma pata ferida e olhava nos olhos de um cão com dor, sabia que minha missão estava longe de ser concluída.

Talvez as vitórias não fossem sempre grandes, mas a cada vida que tocava, a cada dor que aliviava, eu estava cumprindo meu papel.

Capítulo 5: O Desespero de um Tutor

Eu sabia que minha luta, a nossa luta, não era apenas por aqueles que ainda podiam ser salvos, mas também por todos aqueles que nos tocavam de alguma forma, seja por meio de uma recuperação, ou, em muitos casos, por nos ensinar a ser melhores no que fazemos.

O trabalho de um veterinário não é apenas sobre o diagnóstico ou o tratamento, mas sobre a conexão genuína com os animais e os tutores.

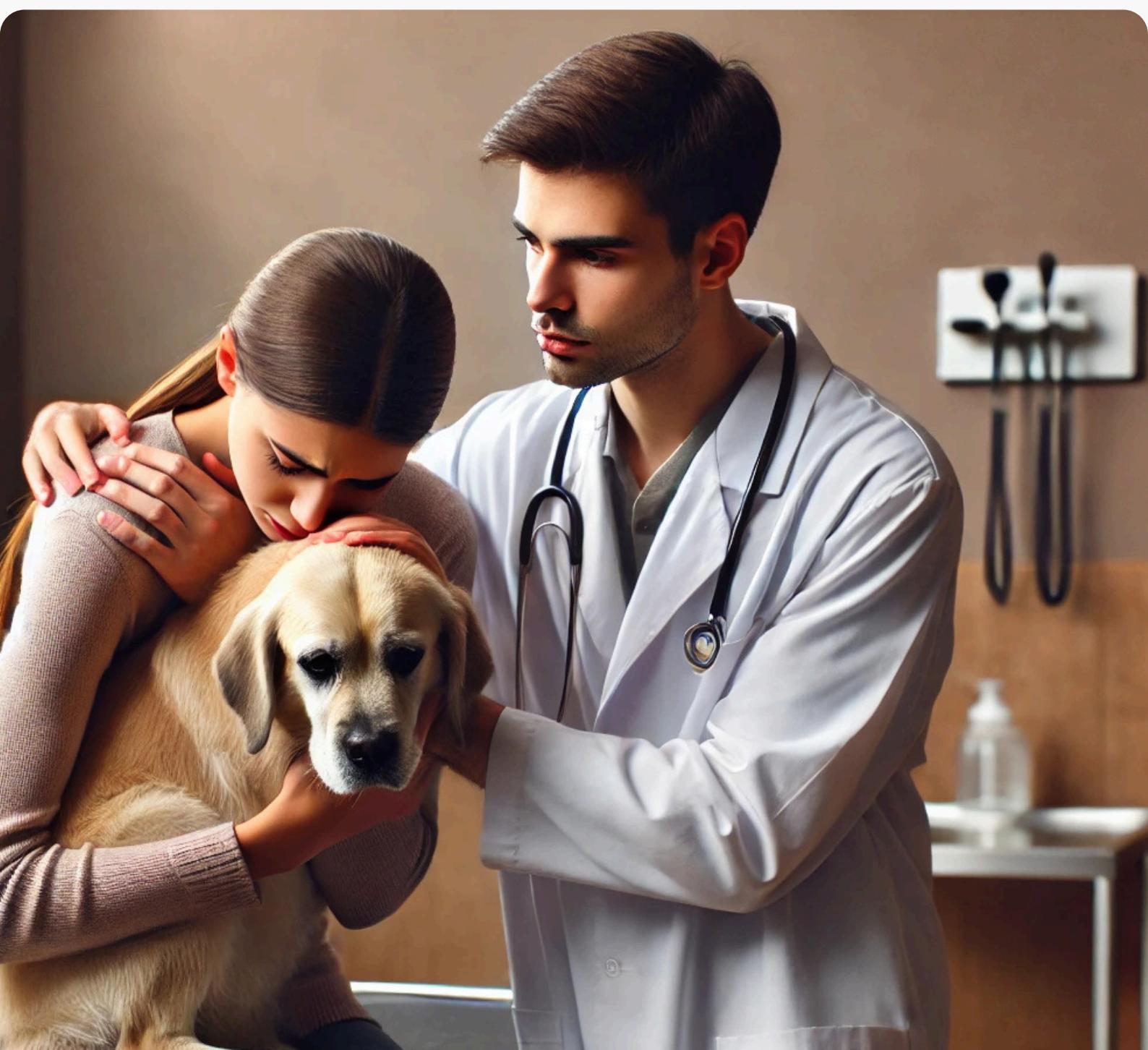
Esse laço, por mais simples que fosse, trazia sentido a cada dia.

A missão de cada um de nós é, sem dúvida, complexa.

Mas a palavra "missão" nunca significou tanto como agora. Mesmo diante do calor imenso, das dificuldades diárias e das perdas dolorosas, o simples fato de poder aliviar, ajudar e acompanhar os tutores nessa jornada, já era uma verdadeira vitória.



Capítulo 6: Quando o Dono Também Precisa de Cuidado



Capítulo 6: Quando o Dono Também Precisa de Cuidado

Eu já estava no segundo ano de residência em cardiologia, um pouco mais amadurecido pelas experiências difíceis e pelos desafios diários.

O calor de Seropédica parecia imutável, sempre intenso, e o peso das responsabilidades também aumentava a cada dia.

Eu já não era mais aquele R1 recém-chegado, com os olhos brilhando de empolgação, mas ainda estava longe de ser um especialista com respostas prontas.

No entanto, uma coisa eu sabia: o maior desafio da minha profissão não era o conhecimento técnico.

O maior desafio era, sem dúvida, não deixar de lado o lado humano, a empatia, e lembrar sempre que, por trás de cada exame, cada tratamento, havia uma história, uma vida que precisava de cuidado.

Naquele dia, João entrou pela porta do hospital, com Mel, sua cadela vira-lata idosa, nos braços.

Ela estava magra, com os olhos opacos, e mal conseguia levantar a cabeça.

O diagnóstico de câncer avançado estava claro, e ele sabia que o tempo de Mel estava se esgotando. Mas ali estava ele, com o semblante sério, porém determinado, trazendo a cadela até a nossa sala.

Capítulo 6: Quando o Dono Também Precisa de Cuidado

“Doutor, eu não sei o que fazer. Ela... ela me salvou da depressão. Agora, sou eu quem precisa salvá-la”, João disse, a voz trêmula, mas firme.

Eu o olhei por um momento. Eu sabia que ele estava se segurando, tentando parecer mais forte do que realmente se sentia.

João não era apenas um tutor. Ele era uma pessoa com o coração partido, que via em Mel não apenas um animal de estimação, mas uma verdadeira salvadora.

Como poderia eu, um simples médico veterinário, tentar trazer palavras de consolo que fossem suficientes para aliviar sua dor?

Sabia que ele já estava sofrendo antes mesmo de tomar qualquer decisão.

Mel se deitou na cama de exame, e eu comecei a palpá-la, tentando avaliar o estado de seu coração, seus pulmões, mas, como esperado, as notícias não eram boas.

O câncer havia se espalhado, e a insuficiência cardíaca estava em estágio avançado.

A decisão era inevitável, e a pergunta que pairava no ar era a mais difícil de todas:

Capítulo 6: Quando o Dono Também Precisa de Cuidado

- Seria o melhor para Mel continuar lutando contra a doença ou era hora de deixá-la partir em paz?

Eu sabia que, para muitos tutores, seus animais não eram apenas pets. Eles eram como filhos, como membro da família.

E, para João, Mel representava muito mais.

Ele olhou para a cadela com um amor imenso, e sua expressão refletia a angústia de quem se vê diante da necessidade de tomar uma decisão que poderia trazer alívio para o animal, mas também dor para si mesmo.

"Doutor... eu não posso... eu não posso perdê-la", João murmurou, com os olhos cheios de lágrimas.

"Ela esteve comigo em todos os momentos difíceis. Eu não sei se tenho forças para dizer adeus."

Eu me sentei ao lado dele, sentindo a dor que ele sentia.

O silêncio tomou conta da sala, e, por um momento, as palavras pareciam desnecessárias.

Mel, com seus olhos cansados, olhou para João com uma confiança silenciosa, como se soubesse exatamente o que ele estava enfrentando.

Capítulo 6: Quando o Dono Também Precisa de Cuidado

"João... eu sei que a decisão não é fácil. E eu sei que você está se perguntando se há algo mais que poderia ser feito", comecei, com a voz baixa.

"Mas o maior ato de amor, às vezes, é saber quando é o momento de deixá-la partir. Ela não estará mais sofrendo. E você... você também precisa cuidar de si, da sua dor, da sua perda."

Ele me olhou com uma expressão de dor, mas também de compreensão.

Era como se ele soubesse, no fundo, que aquilo era o melhor para Mel, mas ainda assim não conseguia aceitar.

A dor do luto começa antes da partida, e João já estava vivendo isso, mesmo antes de tomar a decisão final.

"Você já ajudou a viver com qualidade, João. E agora, ao ajudá-la a partir, está mostrando o quanto ela foi amada e o quanto você é capaz de se doar", eu disse, com a voz trêmula.

"Eu sei que é difícil, mas você não está sozinho. Estamos aqui com você."

Com isso, ele finalmente assentiu, e, com os olhos marejados, fez o que sabia que era necessário: segurar Mel enquanto ela partia.

Capítulo 6: Quando o Dono Também Precisa de Cuidado

Eu fiz o que pude para aliviar a dor dela, para garantir que ela fosse em paz, sem sofrimento.

Mel parecia aguardar o consentimento do dono para poder descansar, e sem a necessidade de eutanásia, ela fechou os olhos e repousou a sua cabeça sobre a mão do tutor. Para o descanso eterno.

E enquanto a vida de Mel se apagava lentamente, João se manteve firme ao seu lado, como ela sempre esteve ao lado dele.

Eu segurei a mão de João, que, agora, chorava silenciosamente.

"Ela partiu tranquila, João. Ela sabia que era amada. E você, você fez o que era mais difícil, mas também o mais importante: deu a ela o presente da paz."

João balançou a cabeça lentamente, as lágrimas escorrendo sem cessar.

"Eu... eu nunca soube como seria esse momento. Agora, parece que a parte mais difícil está aqui, dentro de mim."

"Não se preocupe, João", respondi, com a voz suave.

Capítulo 6: Quando o Dono Também Precisa de Cuidado

"O luto começa antes da partida, mas também é nele que você encontra as lembranças boas.

E com o tempo, essas lembranças vão prevalecer."

Ele olhou para mim, com um olhar perdido, mas ao mesmo tempo grato.

Não disse mais nada.

Apenas ficou ali, em silêncio, com Mel em seus braços, sabendo que aquela perda não seria esquecida, mas faria parte dele para sempre.

Naquele momento, uma lição simples, mas profunda, ficou gravada em minha mente.

O trabalho durante a residência, o contato diário com tantos tutores e animais, me ensinou muito.

No entanto, nada era mais difícil do que lidar com o sofrimento humano.

A dor de um tutor, o desespero, a incapacidade de se despedir sem sentir que está deixando algo incompleto, tudo isso fazia parte do processo.

Capítulo 6: Quando o Dono Também Precisa de Cuidado

Mas, ao mesmo tempo, me fazia lembrar todos os dias do valor da empatia, do lado humano da medicina veterinária, e o quanto era importante não deixar que o trabalho diário, com suas rotinas e frustrações, me tornasse frio e distante.

A dor, a perda e a compaixão nunca deveriam se tornar um simples “lado da profissão”.

Eles sempre deveriam ser a base de tudo o que eu fazia.

Enquanto João ainda estava ali, com Mel, eu percebi que, como veterinário, a maior responsabilidade não era apenas salvar vidas, mas também ser parte do processo de cura emocional dos tutores.

E, naquele momento, Mel não estava sozinha.

E João não estava sozinho também.



Capítulo 7: O Grito Silencioso dos Felinos



Capítulo 7: O Grito Silencioso dos Felinos

O início do mestrado marcou o início de uma nova fase, repleta de desafios e descobertas.

Embora já não fosse o mesmo residente ansioso de antes, uma sensação de inquietação constante me acompanhava nos primeiros meses de pesquisa, especialmente quando o foco eram os braquicefálicos.

No entanto, à medida que o tempo passava, percebi que no mestrado, como na vida, o aprendizado era contínuo.

As dificuldades, por sua vez, se tornavam mais complexas, refletindo as realidades de nossa profissão.

Os braquicefálicos, com seus crânios achatados, continuavam a me fascinar e a frustrar.

Cada estudo e cada análise de dados parecia reforçar uma verdade dolorosa: as modificações anatômicas, causadas muitas vezes pelo homem, afetavam profundamente a saúde desses animais.

Infelizmente, muitos tutores não compreendiam o impacto dessas mudanças.

Para eles, esses cães e gatos eram apenas "fofinhos", com aparência "engraçada", e não percebiam as complicações respiratórias, cardíacas e metabólicas resultantes dessas alterações.

Capítulo 7: O Grito Silencioso dos Felinos

O desconforto desses animais, muitas vezes, permanecia invisível, algo que não era percebido à primeira vista.

E, assim como os braquicefálicos, os felinos, com suas personalidades complexas, também tinham seus próprios "gritos silenciosos".

Em uma terça-feira qualquer, em meio à agitação da rotina, Nina, uma siamês arisca, chegou ao consultório acompanhada de sua tutora.

Nina estava estranhamente quieta.

Conhecendo-a como uma gata ativa e independente, a mudança de comportamento me causou desconforto.

Sua tutora, como muitas, tentava minimizar a situação: "Ela está normal, só mais quieta. Talvez o calor..."

A explicação parecia razoável, mas algo em meu íntimo indicava que havia algo mais profundo por trás daquela alteração.

Gatos, como eu bem sabia, são mestres em esconder a dor. Isso me fazia sentir um nó na garganta toda vez que diagnosticava algo em um felino.

As expressões de dor dos gatos, ou a falta delas, tornavam tudo ainda mais difícil de lidar.

Capítulo 7: O Grito Silencioso dos Felinos

O que para os tutores era apenas uma diminuição no apetite ou uma mudança no comportamento, para mim, já era motivo de alerta.

Quando toquei o abdômen de Nina, ela reagiu rapidamente, de forma mínima, mas suficiente para me deixar alerta.

A palpação indicava dor, e minha mente imediatamente começou a montar o quebra-cabeça. Algo não estava certo, e decidi agir rapidamente.

"Precisamos fazer alguns exames.

Pode ser algo simples, mas não podemos arriscar", disse a mim mesmo, tentando tranquilizar a tutora, mais para ela do que por convicção real de que se tratava de algo trivial.

Após os exames e o ultrassom, o diagnóstico foi confirmado: insuficiência renal crônica.

O tratamento seria intensivo, mas as chances de reversão eram pequenas.

Expliquei a situação à tutora, que demonstrou confusão e desespero. "Mas ela não me disse nada... Não parecia doente, estava normal, só mais quieta..."

Capítulo 7: O Grito Silencioso dos Felinos

Olhei para ela com uma mistura de compaixão e tristeza.
"Não, Nina não disse nada.

Ela nunca disse. Mas ela mostrou no olhar, nos gestos mínimos.

Gatos têm uma maneira única de demonstrar dor, e, infelizmente, eles são muito bons em esconder o que sentem."

A conversa foi longa e difícil. Eu expliquei o tratamento e as alternativas, tentando passar um pouco de esperança.

Mas a realidade era dura, e a dor estampada na expressão da tutora era evidente.

Ela não queria perder Nina, sua amiga silenciosa, sempre ao seu lado, como um confidente fiel, que não exigia nada em troca.

Mas o sofrimento de Nina, em silêncio, estava presente.

Enquanto ela refletia sobre o que fazer, me peguei pensando sobre os dilemas que a profissão nos impõe.

Capítulo 7: O Grito Silencioso dos Felinos

Quando entrei no mestrado, acreditava que poderia mudar o curso das coisas, que talvez pudesse fazer algo pelos braquicefálicos ou descobrir uma maneira de aliviar o sofrimento desses animais, muitas vezes levados ao limite devido aos cruzamentos irresponsáveis.

Porém, a dor de Nina, e de tantos outros, mostrava que, por mais que a ciência evoluísse, ainda havia muitos desafios difíceis de compreender.

A medicina veterinária, como eu estava aprendendo, enfrentava muitas questões que pareciam ir além do nosso entendimento.

A dor silenciosa dos felinos se tornava cada vez mais uma realidade constante na minha vida.

Eu queria resolver tudo, queria fazer mais.

No entanto, o que realmente importava - e o que se tornava mais evidente naquele momento - era a conexão com os tutores.

Era a empatia, a capacidade de ouvir, de perceber o que não era dito, o que se escondia por trás do silêncio de Nina.

Eu sabia que o mestrado traria muitas respostas, mas também mais perguntas.

Capítulo 7: O Grito Silencioso dos Felinos

E no fundo, era isso que eu procurava: não respostas definitivas, mas uma maneira de caminhar, de continuar tentando, de buscar alternativas.

Não só para os braquicefálicos, mas para todos os animais que, como Nina, escondem seu sofrimento em silêncios profundos.

Naquela tarde, olhando para Nina, percebi que o maior desafio da profissão não estava na ciência ou nos exames.

O verdadeiro desafio era não perder de vista a razão pela qual escolhemos essa carreira.

Era não perder a humanidade, mesmo quando a dor se tornava algo cotidiano.

Com o tempo, a tutora de Nina começou a entender que a dor não poderia ser ignorada.

Embora não soubesse exatamente o que fazer, sabia que precisava tomar decisões difíceis.

Mas, acima de tudo, ela sabia que não estava sozinha. E, naquele momento, isso era o que mais importava.



Capítulo 8: A Última Esperança



Capítulo 8: A Última Esperança

Durante o doutorado, minha vida se tornou uma constante imersão em informações, novas pesquisas e avanços sobre cardiologia veterinária e diabetes em cães.

O ritmo acadêmico era implacável, porém, a prática clínica ainda se mostrava desafiadora de formas que nenhum artigo científico poderia prever.

A academia parecia uma ponte, sendo construída a cada dia enquanto eu atravessava o turbulento rio das emoções e dilemas da profissão.

Em uma quinta-feira, o caso de Bob, um beagle diabético e cardiopata, passou a dominar meus pensamentos.

Ele estava internado há dias, com glicemia descontrolada e um coração sobrecarregado.

O que mais me inquietava era o desgaste progressivo de seu organismo, que se tornava cada vez mais evidente a cada exame e ajuste feito.

Bob passava longos períodos deitado, mal se alimentava, e seus movimentos se tornavam cada vez mais limitados.

"Doutor, não desista dele", disse sua tutora, com os olhos marejados, ao se aproximar da baia de internação.

Capítulo 8: A Última Esperança

Suas palavras ecoaram em minha mente nos dias seguintes.

A esperança dela estava concentrada em mim, o que me pressionava, mas também me motivava a continuar tentando.

O caso de Bob representava um dos maiores dilemas da medicina veterinária: a luta constante pela vida, ao mesmo tempo em que respeitamos os limites do paciente.

Com seu olhar cansado e sua postura fragilizada, Bob me ensinava mais do que qualquer livro de medicina poderia.

Ele era o reflexo do que a profissão exige: compaixão, paciência e resiliência.

A glicemia foi ajustada, os níveis de insulina controlados e a alimentação foi regulada.

Nossa equipe se desdobrava em esforços incansáveis para trazê-lo de volta.

Cada medicamento administrado, cada exame realizado, parecia ser uma batalha em busca de mais um dia, mais uma hora de vida para Bob.

Ao longo dos dias, testemunhei pequenos avanços, cada um carregando um alívio cauteloso.

Capítulo 8: A Última Esperança

No décimo dia, Bob comeu sozinho.

Para aqueles que não compreendiam a gravidade do caso, isso poderia parecer insignificante, mas, para nós, foi uma vitória imensa.

No décimo quinto dia, ele abanou o rabo ao ver sua tutora, um gesto simples, mas de grande significado.

E no vigésimo dia, Bob finalmente foi liberado para ir para casa.

Sua tutora, que entrou no hospital com um semblante de desespero, agora carregava um misto de alívio e gratidão em seu olhar.

Ela sabia o quanto a recuperação de Bob havia sido difícil.

"Eu sabia que você não ia desistir dele", disse ela, segurando a coleira de Bob com as mãos trêmulas, mas firmes.

Embora Bob tenha ido para casa, o peso de suas palavras continuou comigo: "Não desista dele".

Nesse momento, percebi que, muitas vezes, a linha entre a medicina veterinária e o cuidado humano se torna tênue.

Capítulo 8: A Última Esperança

A verdadeira importância da internação de Bob, por exemplo, não estava apenas nos cuidados médicos.

Estava na presença constante de sua tutora, que, com sua voz e carinho, provavelmente foi o maior fator para a recuperação de Bob.

A prática veterinária vai além da medicina e dos tratamentos.

É sobre compreender que cada paciente é parte de uma história única e que cada tutor é uma pessoa que confia em nós para cuidar de seu animal de estimação como se fosse um membro da família.

Após a alta de Bob, a maior demonstração de gratidão veio por meio de uma mensagem no Instagram, acompanhada de uma foto de Bob com a língua para fora e um sorriso cansado.

Sua tutora escreveu: "Obrigada, doutor. Não posso te agradecer o suficiente por tudo que fez por ele".

Começou ela...

Capítulo 8: A Última Esperança

"Eu vi você entrando na baia de internação e deitando ao lado do Bob, com ele tão descompensado, para examinar sua pressão arterial, enquanto me sentia impotente.

Aqueles momentos, ao lado dele, me fizeram perceber o quanto ele não estava sozinho.

Não sou só eu que vejo você como uma médica dedicada, mas, principalmente, ele. Obrigada por não desistir."

Essas palavras tocaram profundamente meu coração.

Muitas vezes, a verdadeira cura não está apenas no tratamento físico de um paciente, mas na empatia e no cuidado humano.

A presença, o simples gesto de estar ao lado do paciente, pode ter um impacto tão grande quanto qualquer medicação.

Esse caso, assim como muitos outros, me fez refletir sobre o que significa, de fato, ser um médico veterinário.

Não se trata apenas de diagnosticar e tratar doenças, mas também de ser alguém que, todos os dias, enfrenta as batalhas ao lado daqueles que consideram seus animais como membros de suas famílias.

Capítulo 8: A Última Esperança

Quando estamos ao lado deles, seja na baia de internação ou na sala de emergência, não estamos apenas tratando doenças, mas compartilhando momentos cruciais de suas vidas.

Bob, com sua recuperação, e sua tutora, com seu gesto de agradecimento, me lembraram do maior desafio que a profissão veterinária me impõe: não permitir que o lado humano se perca na busca incessante por resultados.

Manter a empatia, a conexão e o coração é o que dá real sentido a tudo.



Capítulo 9: Quando o Veterinário Chora



Capítulo 9: Quando o Veterinário Chora

Após anos dedicados à medicina veterinária, aprendemos a construir uma parede emocional.

Aprendemos a nos blindar, a manter o foco, a agir sem hesitar diante da dor e da perda.

Mas, no fundo, há algo que não conseguimos controlar: o coração.

Às vezes, a dor de uma partida, o sofrimento de um paciente que não conseguimos salvar, transbordam de uma forma que não podemos evitar.

E, naquele momento, ao entrar na sala de descanso do hospital veterinário, o peso dessas emoções veio à tona de forma avassaladora, como um tsunami que não posso conter.

Eu estava cansado. O dia havia sido longo, com vários casos complicados e decisões difíceis.

Cada animal que chegava parecia carregar um pedaço do sofrimento do mundo, e eu, como veterinário, era o único a quem cabia tentar aliviar esse fardo.

Mas não era sempre possível. Aquela sexta-feira tinha sido especialmente difícil. Tinha atendido a casos de cães e gatos com prognósticos que sabíamos não serem bons.

Capítulo 9: Quando o Veterinário Chora

E, à medida que a noite caía, os rostos de seus tutores, cheios de esperança, medo e, por vezes, desespero, ainda estavam comigo.

Cada olhar parecia me cobrar algo além do que eu poderia dar.

Fechei a porta da sala de descanso atrás de mim, me permiti um momento de solidão.

O barulho do hospital foi se afastando à medida que eu me afastava das outras salas, de todos os outros residentes e enfermeiros, como se o peso do mundo estivesse caindo apenas sobre mim.

Eu me sentei ali, sozinho, e, pela primeira vez naquele dia, me permiti um momento de vulnerabilidade. E ali, em silêncio, eu chorei.

Não por fraqueza, mas por humanidade. Chorei pelos que partiram e pelos que partiriam em breve. Chorei pelos que sofreram e que, apesar de todos os esforços, não conseguiram sobreviver.

Chorei por aqueles que me confiaram a vida de seus amados animais e, por mais que eu tentasse, eu sabia que não podia salvar todos.

Capítulo 9: Quando o Veterinário Chora

Não podia impedir o inevitável. Não podia fazer mais do que já havia feito.

Mas, acima de tudo, chorei por amor. Porque ser veterinário é, antes de tudo, se entregar.

É se doar, é dar o melhor de si, sabendo que, no final, o que importa é o amor que sentimos por esses seres que não podem expressar em palavras onde dói.

Eles nunca vão nos dizer "me ajuda", "não aguento mais", ou "estou com medo".

Mas, por algum milagre da natureza, conseguimos entender, conseguimos ver a dor nos olhos deles, podemos ouvir seus corpos falarem de uma maneira silenciosa, mas profundamente clara.

Hoje, olhando para a minha trajetória, vejo que essa entrega não foi em vão.

Mas, com o tempo, também percebi que o processo de aprendizado nunca acaba.

De ser veterinário, de sentir, de amar, de se doar, agora se transforma em algo ainda mais profundo: ensinar.

Capítulo 9: Quando o Veterinário Chora

O que me alimenta hoje, além da prática diária, é a oportunidade de passar adiante o conhecimento que acumulei ao longo dos anos.

Eu, que um dia fui aluno, agora sou professor. O ciclo se completa, mas a responsabilidade de cuidar da vida e do bem-estar animal se torna ainda mais intensa.

Agora, sou não só um médico veterinário, mas também alguém que molda o futuro da profissão, que prepara outros para enfrentar a luta diária, que tenta transmitir algo além da técnica.

Ser docente, depois de tantos anos de prática, é um convite à reflexão constante.

É um desafio diário para não deixar que a frieza da rotina nos envolva.

Quando estou diante de uma turma de estudantes, vejo um reflexo de mim mesmo, de minhas dúvidas, de minhas inseguranças.

Eu me vejo nas perguntas que eles fazem, nos olhos que buscam respostas, nas mãos que hesitam em segurar o estetoscópio pela primeira vez.

Capítulo 9: Quando o Veterinário Chora

Eu os vejo tentando aprender a arte de cuidar, de curar, de amar incondicionalmente. E, ao fazer isso, me vejo lembrando que, como veterinários, nunca podemos perder o toque humano.

Nunca podemos deixar que a técnica sufoque o que há de mais importante: nossa capacidade de sentir, de nos conectar.

Passar adiante o conhecimento não é apenas compartilhar técnicas ou diagnósticos.

É mostrar que a verdadeira medicina veterinária vai além das ferramentas e dos medicamentos.

É ensinar que o respeito pelos animais não se dá apenas pelo tratamento físico, mas pelo carinho, pela paciência, pela empatia.

Ensinar a perceber as pequenas mudanças no comportamento de um animal, a entender as entrelinhas de um exame físico, a notar a dor escondida sob uma expressão serena.

Ensinar a ser humano. Ensinar a não se esquecer de sentir.

E isso não é algo que se aprende nos livros, mas na prática, no dia a dia, no coração.

Capítulo 9: Quando o Veterinário Chora

Hoje, olhando para os meus alunos, me vejo como um intermediário entre a profissão que é tão desafiadora e o lado mais profundo e humano de ser veterinário.

Como um professor, é meu dever não apenas transmitir a técnica, mas também cultivar no coração deles o amor pela profissão.

Ensinar-lhes que, mesmo nos momentos mais difíceis, o que importa não é a dor que sentimos, mas o alívio que conseguimos trazer, por menor que seja.

Ensinar-lhes a dar o melhor de si, mesmo quando o cansaço parece insuportável, quando as lágrimas não são só minhas, mas também deles, que ainda estão aprendendo a lidar com as perdas, com as lutas.

A dor, o sofrimento, a perda... Esses momentos continuarão a fazer parte do nosso caminho.

Mas também sei que, com o tempo, a alegria e a gratidão de ver um paciente recuperado ou um tutor em paz também serão parte de nossa jornada.

A balança entre o sofrimento e a esperança é o que nos torna fortes.

E, como professores, temos a responsabilidade de preparar os próximos a não se perderem no caminho.

Capítulo 9: Quando o Veterinário Chora

Ensinar-lhes que ser veterinário é, acima de tudo, ser humano.

Porque, ao final, ser veterinário é sobre sentir, é sobre cuidar, é sobre amar incondicionalmente, mesmo quando as palavras faltam.

Mesmo quando, no silêncio, a dor se torna insuportável, e as lágrimas são a única resposta possível.

Às vezes, nós choramos, mas sabemos que, ao final de cada dia, a nossa missão permanece.

Não podemos desistir.

Não importa o quanto a dor nos atinja, o que realmente importa é que conseguimos fazer a diferença, seja na vida de um animal, na paz de um tutor ou, muitas vezes, no próprio entendimento da nossa jornada.

E, em cada lágrima, há uma renovação do nosso compromisso, da nossa paixão, de nunca deixar de lutar pela vida, pela saúde, e pelo amor.



Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção



Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

Sempre senti que os animais possuem uma energia única, algo que transcende o físico e o material, algo que toca nossa alma de uma maneira que palavras não podem explicar.

Eles têm essa capacidade impressionante de sentir, de nos entender de um jeito quase intuitivo, mesmo quando nós, humanos, mal conseguimos entender a nós mesmos.

O amor deles não conhece limites, nem condições, nem interesses. Eles amam de maneira pura, sem expectativas, sem segundas intenções.

Apenas amam. E, por mais que eu esteja constantemente imerso no universo da medicina veterinária, onde lidamos com a saúde e os desafios do corpo, sempre me vi tocado profundamente por esse amor incondicional, esse poder de conexão que os animais nos oferecem.

Era uma terça-feira fria quando uma mensagem apareceu na tela do meu celular.

A foto de um cachorrinho vira-lata, pequeno, com pelos curtos e uma expressão que transbordava uma quieta tristeza.

O texto dizia: "Procurando um lar."

Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

Um simples pedido de ajuda, como tantos outros que recebemos, mas algo naquela imagem me chamou a atenção.

Seus olhos eram grandes e tristes, e mesmo assim, havia uma chama de esperança ali, como se soubesse que, em algum lugar, alguém iria ver aquela mensagem e mudar sua vida para sempre.

Sempre fui de adotar. Tive muitos animais em minha vida, todos eles adotados, e cada um deles deixou uma marca indelével em minha história.

Eles não eram apenas animais; eram parte da família.

A forma como esses bichinhos chegavam às nossas vidas era sempre carregada de coincidências, de encontros que pareciam não ser por acaso.

Como se o destino tivesse uma maneira de nos mostrar que, às vezes, o amor mais profundo surge de onde menos esperamos.

Decidi responder à mensagem.

Fui até o abrigo, um pequeno espaço com poucas condições, mas com uma grande vontade de fazer o bem.

Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

Lá, encontrei o pequeno cachorro que, logo me percebi, já tinha se apegado à sua nova realidade.

Ele parecia saber que eu estava ali para mudar sua vida.

Fui até ele, abaixei, e ele veio, com passos hesitantes, até minhas mãos.

Ele não se importava com minha profissão, nem com meu título.

Ele estava ali, disposto a confiar, a oferecer sua lealdade sem nem ao menos saber meu nome. Ele era só amor.

A adoção aconteceu rapidamente. Quando ele entrou em meu carro, parecia que já estava em casa.

Ele estava calmo, como se soubesse que o que acontecia ali era para o seu bem.

E, em poucos dias, começou a mostrar a sua verdadeira essência: amor puro e verdadeiro.

A energia dele, aquela força silenciosa que emanava de dentro dele, começou a se espalhar pela casa.

Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

Ele se tornou o centro de todas as atenções, não porque queria, mas porque seu amor tinha a capacidade de iluminar qualquer ambiente.

Mas não foi só a sua energia que me tocou.

Foi também a maneira como ele passou a transformar a vida da minha família.

Logo vi que ele era um pequeno farol de luz na vida dos meus outros animais.

Como se, ao chegar, ele tivesse trazido com ele um novo ritmo, um novo espaço para a convivência.

Ele não era apenas um cachorro; ele era um elo entre nós, uma ponte de empatia, um lembrete de que o amor é o que mantém tudo unido.

No entanto, a história que mais me marcou não foi a minha, mas sim a do seu tutor, um homem simples, que logo o adotou.

Sua vida, que até então estava cheia de desafios, de solidão, passou a ser preenchida pelo amor incondicional do cachorro.

Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

Era impossível não perceber o quanto aquele animalzinho transformou sua rotina, sua maneira de ver a vida.

O cãozinho, com seu olhar sempre atento e seu jeito quieto, se tornou a razão de seus sorrisos diários, o consolo nas noites mais solitárias, a fonte de conforto nas horas difíceis.

Ele, que antes parecia perdido no mundo, agora encontrava em seu pequeno amigo de quatro patas uma razão para seguir em frente.

Os animais têm essa habilidade de dar mais do que recebem.

De transformar a vida de seus tutores com o simples gesto de existir.

Eles nos ensinam, de uma forma silenciosa, o verdadeiro significado da lealdade, da paciência e da compaixão.

O pequeno cão não sabia que havia mudado a vida de seu tutor, mas sabia exatamente o que fazer para lhe dar todo o amor que ele precisava.

]Ele entendia que, no fim, tudo o que as pessoas realmente precisam é sentir-se amadas, de maneira simples e sem julgamentos.

Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

Hoje, como veterinário e como professor, sempre volto àquela sensação de gratidão que senti ao adotar e dar uma chance a mais um animal que precisava de um lar.

Tenho a sorte de poder compartilhar o meu amor por eles com tantos outros, e é algo que nunca deixarei de valorizar.

Eles nos ensinam a ser mais humanos, a dar mais do que receber, a olhar para o próximo com mais compaixão.

Ao longo de minha trajetória, aprendi que, quando olhamos para os animais, o que vemos não é apenas um ser dependente de nós.

Vemos uma alma que, muitas vezes, tem mais a nos ensinar do que nós a ela.

Ajudar animais abandonados não é apenas uma questão de carinho ou bondade.

No meu caso, sempre foi parte da minha jornada, tanto como veterinário quanto como ser humano.

Ao longo dos anos, participei de ações de voluntariado, onde o único pagamento que recebemos é o sorriso de um tutor ou o olhar grato de um animal resgatado.

Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

No entanto, sabemos que a vida segue seu curso, e contas precisam ser pagas, e o que pode ser difícil é equilibrar a paixão pela profissão com a necessidade de sustentar um trabalho que tem custos.

O voluntariado, embora importante e significativo, nem sempre paga as contas.

E é aí que muitos veterinários, por mais que amem sua profissão, enfrentam o dilema da remuneração versus vocação.

A linha que separa o trabalho do voluntariado às vezes é tênue, e não podemos esquecer que, por trás de cada ato de bondade, há uma responsabilidade financeira.

Lembro-me de um abrigo no norte do Rio, onde atuei como voluntário por algum tempo.

As condições eram difíceis, a estrutura precária, e muitos animais chegavam todos os dias, vítimas do abandono.

Mas, ali, entre a dificuldade, os desafios financeiros e os casos graves, era possível ver o impacto que cada gesto de cuidado, cada consulta, cada vacinação e cada resgate tinha.

Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

O amor pelo que fazemos transcende os aspectos materiais, mas é inegável que, sem o apoio necessário, o trabalho no abrigo seria impossível de se manter.

A energia de cada animal resgatado ali era transformadora. Eles chegavam com medo, com dor, com insegurança, mas, com o tempo, se tornavam a fonte de gratidão e alegria de todos os voluntários e tutores que ali passavam.

Aquele abrigo, cheio de histórias tristes e felizes, me fez perceber mais uma vez como a vida dos animais pode tocar as nossas de uma forma profunda.

Ao ver os olhos de cada tutor que, com lágrimas de emoção, pegava seu animalzinho pela primeira vez, aprendi a verdadeira essência do trabalho voluntário: a troca de amor, e não a busca por algo em troca.

A profissão de veterinário tem essa capacidade de nos dar uma imersão única nos sentimentos mais profundos, mas também nos ensina a lidar com as realidades do mundo em que vivemos.

O equilíbrio entre dar e receber é a chave para não perdermos o foco no que realmente importa.

Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

Agora, ao olhar para o pequeno cão que encontrei no abrigo e que hoje é parte da família do tutor que o adotou, vejo que os animais, com sua energia única e seu amor incondicional, têm o poder de curar mais do que qualquer medicamento.

Eles têm a capacidade de transformar nossas vidas de uma maneira que poucas coisas podem.

E, no fundo, é por isso que escolhi essa profissão: “para ser parte dessa transformação, para dar voz a esses seres tão incríveis e para entender, de uma vez por todas, o que é realmente amar sem interesse, sem limites e sem exigências”.

E, assim como eu, muitos de nós, veterinários e tutores, somos tocados todos os dias pela energia dos animais.

Eles não pedem nada em troca.

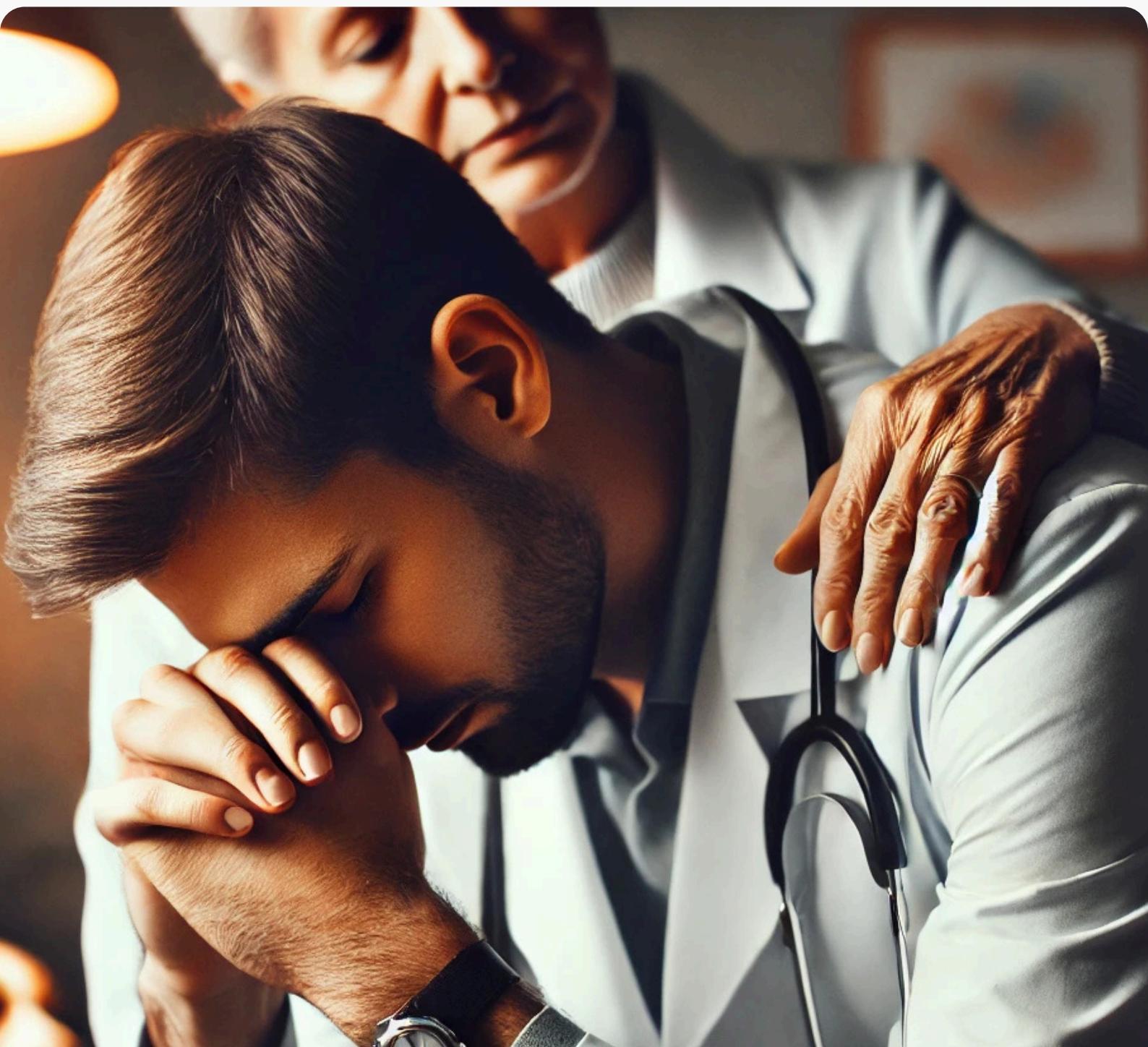
Eles apenas amam, de maneira simples e verdadeira, nos ensinando todos os dias o que é o amor mais puro que existe.

Capítulo 10: A Energia que Transforma – O Poder dos Laços de Adoção

E por isso, cada história de adoção é uma verdadeira lição de gratidão e respeito.



Capítulo 11: O Peso Que Não Se Carrega Sozinho



Capítulo 11: O Peso Que Não Se Carrega Sozinho

Era uma daquelas segundas-feiras que começavam antes mesmo do sol nascer.

O plantão na internação já se anunciava caótico antes de eu sequer pisar no hospital. O primeiro caso: um cão cardiopata descompensado, arfando em esforço, os olhos cansados, o coração lutando contra o tempo.

O segundo, um filhote intoxicado, tremores pelo corpo pequeno demais para tanto sofrimento.

O terceiro, um gato atropelado, fraturas múltiplas e um olhar que pedia ajuda, mas que eu já sabia que não poderia prometer um final feliz.

E assim o dia seguiu, em meio a decisões difíceis, conversas dolorosas com tutores, protocolos sendo ajustados, monitores apitando.

O calor sufocante de Seropédica parecia pior dentro do pijama grená , enquanto o relógio teimava em correr rápido demais para algumas vidas e devagar demais para outras.

Naquele dia, perdi uma paciente que estava na UTI há mais de uma semana.

Uma idosa que já havia vencido tantas batalhas, mas que, enfim, sucumbiu à insuficiência cardíaca.

Capítulo 11: O Peso Que Não Se Carrega Sozinho

Sua tutora, uma senhora de cabelos grisalhos e mãos trêmulas, segurou minha mão e sussurrou:

— Obrigada por tentar. Eu sei que ela foi amada até o fim.

Essa gratidão sincera me pegou desprevenido.

Engoli em seco, mas a dor continuava ali, no peito. Guardei para mim, pois a rotina seguia.

Quando o expediente acabou, eu sentia o peso de um dia que parecia não caber dentro de um único corpo.

Exausto, dirigi para casa em silêncio. O trânsito era apenas um ruído de fundo diante do cansaço que tomava conta de mim.

Ao abrir a porta de casa, o cheiro do café recém-passado me envolveu como um abraço invisível.

Minha mãe estava na cozinha, como sempre fazia quando sentia que eu precisava de um momento de paz.

Meu pai, sentado no sofá, olhava o noticiário, mas desviou o olhar ao me ver entrar.

— Dia difícil? — ele perguntou, simples, sem pressa.

Apenas assenti.

Capítulo 11: O Peso Que Não Se Carrega Sozinho

E então, sem precisar dizer nada, minha mãe colocou uma caneca quente na minha frente e meu pai apertou meu ombro com firmeza.

Meu cachorro, resgatado anos atrás e agora meu fiel companheiro, se aproximou, encostando a cabeça na minha perna, sentindo, como sempre, aquilo que nem eu mesmo sabia como expressar.

Naquele instante, entendi que algumas dores não se curam sozinhas.

Que o peso da profissão não precisa ser carregado apenas pelos nossos ombros.

Que voltar para casa e encontrar apoio é o que nos impede de endurecer por dentro, de perder a sensibilidade diante da dor alheia.

Os anos passaram, e hoje, a maturidade me trouxe uma nova compreensão sobre tudo isso.

Agora, sou pai.

E, ao chegar em casa, não encontro apenas o conforto dos meus pais, mas também os braços pequenos e cheios de vida dos meus filhos, correndo para me receber, além de minha esposa, sempre com uma palavra amiga e de consolo. Sempre assertiva.

Capítulo 11: O Peso Que Não Se Carrega Sozinho

Eles não entendem completamente o que eu faço, mas sentem quando estou cansado.

“Papai, você tá triste?” — pergunta, minha filha com a inocência de quem ainda não aprendeu o peso do mundo.

E é ali, nos abraços apertados, no cheiro doce dos cabelos deles, que percebo que a vida, apesar de todas as perdas, também é feita de reencontros e recomeços.

Agora entendo o propósito de tudo.

De cada noite mal dormida, de cada caso que me tirou lágrimas, de cada decisão difícil que precisei tomar.

A maturidade me ensinou que ser veterinário não é só cuidar de animais — é cuidar das pessoas, das famílias, dos laços que unem humanos e seus companheiros de quatro patas.

E, acima de tudo, me ensinou que, por mais que o mundo nos peça frieza e resistência, sempre haverá um lugar para descansar.

Um lugar aonde podemos recorrer sem culpa e regenerar nossas energias para o que ainda estar por vir.

Um lugar aonde pode mos ser somente um filho, um pai, um marido.

Capítulo 11: O Peso Que Não Se Carrega Sozinho

Um lugar para lembrar que antes de sermos veterinários, somos humanos.

E que não precisamos carregar tudo sozinhos.





Capítulo 12: Os Contrastes da Lealdade



Capítulo 12: Os Contrastes da Lealdade

A sala de espera estava cheia, como sempre nas manhãs de terça-feira.

Durante a semana de rodízio na clínica, as consultas pareciam nunca ter fim, e eu já sentia o peso da exaustão. Entre os rostos cansados e os olhares preocupados, um cliente se destacou.

Ele estava impecavelmente vestido, terno de grife, relógio de pulso reluzente. Era óbvio que aquele homem pertencia a um mundo diferente do meu.

Sentado com a postura ereta, ele observava a movimentação ao seu redor com um ar de indiferença.

Em seu colo, um cão de raça, com a pelagem lustrosa, parecia tão deslocado quanto seu dono.

Quando foi chamado para a consulta, eu esperava que o cão fosse examinado com mais atenção, já que apresentava alguns sinais clínicos que indicavam um quadro grave.

Mas, ao conversar com o tutor, logo percebi que estava lidando com uma situação muito diferente.

O diagnóstico era claro: o animal necessitava de cuidados contínuos, exames e um tratamento caro.

Capítulo 12: Os Contrastes da Lealdade

O homem ouviu em silêncio, mas quando falamos sobre os custos, ele fez um comentário que me pegou de surpresa.

— Olha, o tratamento vai ser bem caro. Mas, com o meu dinheiro, eu posso simplesmente comprar outro cachorro da mesma raça. Não vejo motivo para investir nisso.

Fiquei sem palavras por um momento.

Ele falava sobre a vida de um ser vivo com tanta frieza, como se fosse apenas uma mercadoria que poderia ser substituída.

Tentei continuar a conversa, explicando que o tratamento era importante, que a vida do animal estava em risco, mas ele já estava se levantando, desinteressado.

— Vamos ver o que a gente faz. Vou pensar no que é mais vantajoso — disse ele, já se afastando.

Eu observei enquanto ele saía, com o cão ainda em seu colo, e não pude deixar de sentir uma pontada de desgosto.

Como era possível que, com tantos recursos, alguém pudesse ser tão indiferente à vida de um animal?

Não havia muito tempo para pensar.

Capítulo 12: Os Contrastes da Lealdade

A rotina seguiu e, em seguida, foi a vez de uma senhora simples entrar na sala.

Ela tinha cabelos brancos, rosto marcado pelo tempo e vestia roupas simples, uma saia e blusa desgastadas.

Seus pés estavam descalços, calçando chinelos gastos, mas ela carregava consigo uma presença de força e determinação.

Em suas mãos, ela segurava um cachorro magro, com os olhos vidrados pela dor, como se estivesse em luta contra o próprio corpo.

Quando comecei a explicar sobre o quadro clínico do animal — leishmaniose —, logo percebi que a senhora escutava atentamente, mas não parecia assustada com a notícia.

O tratamento seria longo e caro, e ela precisaria de ajuda para conseguir os recursos necessários.

— O tratamento é caro, senhora.

Pode ser difícil para a senhora arcar com esses custos — disse eu, sabendo que a realidade financeira dela era bem diferente e ela falava abertamente sobre isso.

Ela olhou para o seu animal e, com a voz firme, mas cheia de carinho, respondeu:

Capítulo 12: Os Contrastes da Lealdade

— Meu filho, ela ficou comigo no momento mais difícil.

Quando perdi tudo, ela estava aqui, me olhando com os olhos de quem nunca me abandonaria.

Não vai ser agora que eu vou desistir dela. Vou dar um jeito. Vou buscar um empréstimo, se for preciso, mas não vou deixá-la sofrer.

As palavras dela me tocaram profundamente.

Não havia tristeza nem desânimo em sua voz, apenas uma convicção que não podia ser ignorada.

Ela estava disposta a fazer qualquer coisa para salvar sua amiga de quatro patas.

]

Naquele momento, algo dentro de mim se mexeu.

Eu sabia que precisava fazer mais do que apenas assistir à situação.

Com a ajuda dos meus colegas da residência, decidimos que iríamos contribuir com o tratamento dela.

Não seria um esforço individual, mas sim um esforço coletivo.

Capítulo 12: Os Contrastes da Lealdade

Durante os dias seguintes, nos reunimos e fizemos o possível para garantir que o tratamento da leishmaniose fosse iniciado o mais rápido possível.

A senhora, em sua humildade, não sabia que o hospital já havia se mobilizado para ajudá-la.

Mas, no fundo, todos sabíamos que aquele gesto de solidariedade não era apenas uma ajuda financeira.

Era um reconhecimento da lealdade que ela demonstrava pelo animal, algo que não podia ser comprado nem substituído.

Os dias seguintes foram difíceis.

O tratamento foi longo, e o cão passou por momentos de bastante sofrimento, mas a senhora nunca desistiu.

Ela visitava o hospital todos os dias, com sua fé inabalável, agradecendo a todos que contribuíam para a recuperação de seu animal.

Em cada visita, a ligação entre ela e seu cachorro parecia mais forte, mais profunda.

Enquanto isso, o outro cão, o de raça, não apareceu novamente.

Capítulo 12: Os Contrastes da Lealdade

O tutor, como esperado, não deu mais notícias, e eu não sabia se ele havia decidido comprar outro ou simplesmente abandonado o primeiro.

O contraste entre as duas situações ficou marcado na minha memória.

De um lado, havia um homem rico, com recursos abundantes, mas que via o animal como algo descartável.

Do outro, uma mulher simples, sem grandes posses, mas com um coração cheio de amor e determinação para salvar o ser que sempre esteve ao seu lado, mesmo nas piores adversidades.

No final, o tratamento do cão da senhora foi um sucesso.

Ela pagou com o que podia, mas o hospital, por meio da ajuda de todos, se responsabilizou pelo restante.

Era um gesto de benevolência, mas, mais do que isso, um gesto de humanidade.

E, assim, aprendi que, embora o dinheiro possa comprar muitas coisas, ele não pode comprar o amor verdadeiro e a lealdade.

Capítulo 12: Os Contrastes da Lealdade

O valor de um ser vivo não está no quanto você pode pagar por ele....

.... mas no quanto você está disposto a fazer por ele, sem esperar nada em troca.



Capítulo 13: O Dia em Que Tudo Valeu a Pena



Capítulo 13: O Dia em Que Tudo Valeu a Pena

O relógio marcava 18h45 quando entrei na sala de internação pela terceira vez naquele dia.

A exaustão pesava sobre meus ombros, mas, por algum motivo, aquela noite parecia diferente.

O turno havia sido longo, repleto de atendimentos difíceis e decisões delicadas, mas eu sabia que ainda havia algo importante a fazer antes de sair.

No fundo da sala, cercado por monitores e equipamentos de suporte,

Max, um labrador amarelo de oito anos, nos esperava.

Ele estava ali há dias, lutando contra uma infecção grave que, por pouco, não lhe custou a vida.

Durante todo o tratamento, minha equipe e eu nos revezamos para garantir que ele tivesse o melhor cuidado possível.

Agora, depois de tanto esforço, chegava o momento que todos esperávamos: Max estava pronto para ir para casa.

Parei por um instante na porta e observei a cena. A enfermeira Ana se abaixava ao lado dele, acariciando sua cabeça com delicadeza.

Capítulo 13: O Dia em Que Tudo Valeu a Pena

Ao seu lado, Júlio, um dos residentes, sorria enquanto ajustava os últimos detalhes do prontuário.

— Parece que alguém vai sentir falta daqui, hein, Max? — Ana brincou, enquanto o cachorro balançava o rabo preguiçosamente.

Júlio riu. — Não sei se ele vai sentir falta ou se a gente que vai sentir falta dele.

Depois de tudo o que passamos com esse cara, ele já virou parte da equipe.

Aproximei-me devagar e me agachei ao lado deles.

Passei a mão suavemente sobre o dorso de Max, sentindo seu pelo quente e macio.

Ele me olhou com aqueles olhos castanhos profundos, e naquele momento, tive a certeza de que ele entendia.

— Você deu um susto na gente, amigão — sussurrei, sentindo uma pontada de emoção. — Mas agora está na hora de voltar para casa.

Max lambeu minha mão como resposta.

O barulho da porta se abrindo chamou nossa atenção.

Capítulo 13: O Dia em Que Tudo Valeu a Pena

O tutor de Max, um senhor de cabelos grisalhos chamado Roberto, entrou com os olhos brilhando de expectativa.

Ele segurava firme a guia azul do cachorro, como se não acreditasse que aquele momento finalmente tinha chegado.

— Doutor... Ele está mesmo bem? — perguntou com a voz embargada.

Sorri e fiz um gesto para que ele se aproximasse.

— Veja você mesmo, seu Roberto. Ele está pronto para voltar pra casa.

Max, ao ouvir a voz do tutor, se levantou com dificuldade, ainda um pouco fraco, mas visivelmente animado.

Assim que Roberto se abaixou, o labrador se jogou contra ele, lambendo seu rosto com entusiasmo.

— Meu garoto... Meu garoto! — Roberto dizia entre lágrimas, abraçando Max com força. — Eu achei que nunca mais ia te ver assim...

Os olhos de Ana se encheram de lágrimas, e Júlio disfarçou um suspiro emocionado.

Capítulo 13: O Dia em Que Tudo Valeu a Pena

Até eu, que já passei por tantos momentos como esse, senti um nó na garganta.

Por um instante, ninguém disse nada. Ficamos ali, testemunhando aquele reencontro, aquele amor incondicional que só quem já teve um animal sabe como é. Roberto se virou para nós, ainda abraçado ao seu cão.

— Eu não sei como agradecer a vocês. De verdade. Se não fosse por vocês, eu teria perdido ele.

Ana sorriu e apertou de leve o braço do senhor.

— A gente só fez o nosso trabalho, seu Roberto. Mas foi o Max que lutou com tudo o que tinha. Ele queria muito voltar para casa.

— Ele queria voltar para o senhor — completei. — O amor dele por você foi parte do que o manteve forte.

Roberto assentiu e passou a mão pelo rosto para enxugar as lágrimas.

— Vocês não têm ideia do que isso significa para mim.

Eu tinha. Todos nós tínhamos.

Capítulo 13: O Dia em Que Tudo Valeu a Pena

Nos bastidores da rotina exaustiva da medicina veterinária, momentos como esse eram o que nos impulsionava a continuar.

Para cada dia difícil, cada plantão que parecia não ter fim, cada caso que nos tirava o sono, havia um dia como hoje.

Um dia em que tudo valia a pena.

A equipe começou a se movimentar para os últimos preparativos da alta.

Júlio verificou o receituário mais uma vez, Ana explicou os cuidados necessários em casa, e eu me peguei observando minha equipe com um orgulho imenso.

A medicina veterinária não era um caminho fácil. Muitas vezes, enfrentávamos dias pesados, casos tristes e decisões impossíveis.

Mas, quando tudo dava certo, quando víamos um animal voltar para casa, quando sentíamos a gratidão sincera nos olhos dos tutores, todas as dificuldades pareciam menores.

Max foi colocado na guia e caminhou, ainda um pouco cambaleante, até a porta.

Capítulo 13: O Dia em Que Tudo Valeu a Pena

Antes de sair, ele olhou para trás e nos encarou por um momento, como se quisesse dizer algo.

Talvez um "obrigado". Talvez um "até logo".

Ou, quem sabe, apenas um "eu nunca vou esquecer de vocês".

E nós, com certeza, nunca esqueceríamos dele.



Capítulo 14: O Olhar Que Agradece



Capítulo 14: O Olhar Que Agradece

O dia se despedia lentamente, tingindo o céu de tons dourados e alaranjados que atravessavam as janelas da clínica.

O movimento já diminuía, restando apenas alguns pacientes em recuperação e os últimos atendimentos do plantão.

Era aquele momento de transição entre o cansaço e a satisfação, onde o silêncio parecia sussurrar que, ao menos por hoje, fizemos tudo o que podíamos.

Foi então que ele apareceu.

Um cão de pelagem dourada, olhar doce e passos ainda hesitantes, caminhando ao lado de sua tutora.

Thor, um Golden Retriever que semanas antes chegara ali sem forças, entre a vida e a morte, vencera a infecção que quase o levou.

Agora, estava diante de mim, com um brilho diferente nos olhos, um olhar carregado de algo que ia além da simples melhora clínica.

Assim que me viu, ele parou, ergueu as orelhas e me observou.

Capítulo 14: O Olhar Que Agradece

Então, lentamente, caminhou até mim e, sem hesitar, pousou a cabeça na minha perna.

Um gesto simples, mas que carregava tudo o que eu precisava ouvir.

"Obrigado."

Não foram palavras. Mas foram.

Senti algo vibrar dentro de mim.

Quantos animais já haviam me falado sem dizer nada?
Quantos já me agradeceram no silêncio de um olhar?

— Ele não faz isso com todo mundo — disse a tutora, sua voz embargada. — Mas acho que ele sabe. Ele sabe quem cuidou dele.

Sorri, sentindo o calor da cabeça de Thor sob minha mão.

— Nós sempre sabemos quem nos quer bem — murmurei, tanto para ela quanto para ele.

Do outro lado da clínica, um som agudo me chamou a atenção.

Capítulo 14: O Olhar Que Agradece

Era um miado insistente, vindo da ala de internação.

Caminhei até uma das baias e encontrei Luna, uma gatinha preta e branca que tratamos após um atropelamento grave.

Ela, que há poucos dias sequer conseguia se mover, agora se espreguiçava preguiçosamente, os olhos semiabertos, ainda sonolenta.

Quando me aproximei, ela me olhou e piscou devagar.

"Eu sei o que você fez por mim."

Era apenas um piscar.

Mas para quem aprende a ouvir sem palavras, aquilo dizia tudo.

Respondi piscando de volta, devolvendo a mesma mensagem.

A veterinária assistente ao meu lado riu baixinho.

— Você já percebeu que eles falam com a gente? Não com palavras, mas... falam.

— Sempre — respondi, sentindo o ronronar suave de Luna sob minha mão. — E é por isso que estamos aqui.

Capítulo 14: O Olhar Que Agradece

Naquele instante, uma sucessão de lembranças invadiu minha mente.

O filhote desnutrido que um dia vi partir para um novo lar, o cão idoso que segurou minha mão com a pata antes de seu último suspiro, a euforia do gato que voltou a caminhar depois de uma cirurgia difícil.

Eles não dizem "obrigado" como nós.

Não escrevem cartas de gratidão, não fazem discursos emocionantes.

Mas nos olham, e naquele olhar cabe o mundo.

E é isso que nos move.

Não são apenas os diagnósticos certeiros, as cirurgias bem-sucedidas ou os tratamentos inovadores.

Não é apenas a ciência, a técnica, os equipamentos.

É a forma como eles confiam, mesmo quando estão assustados.

Como se entregam ao cuidado, mesmo sem entender o que está acontecendo.

Capítulo 14: O Olhar Que Agradece

Como demonstram amor puro, sem exigir nada em troca.

É por isso que enfrentamos dias exaustivos, noites sem dormir, o peso das decisões difíceis.

É por isso que, apesar das perdas inevitáveis, seguimos em frente.

Porque sabemos que, no fim, cada olhar silencioso vale mais do que mil palavras.

E, quando o dia termina, quando finalmente encostamos a cabeça no travesseiro, o que fica não é o cansaço ou a dor dos desafios enfrentados.

Fica o olhar.

Fica a certeza de que, por mais difícil que seja, estamos exatamente onde deveríamos estar.



Capítulo 15: O Coração Que Guia, a Recompensa Que Vem



Capítulo 15: O Coração Que Guia, a Recompensa Que Vem

A clínica já estava em movimento antes mesmo do sol nascer por completo.

O som dos teclados digitando fichas, o burburinho da equipe se organizando, o tilintar dos instrumentos sendo preparados para os procedimentos do dia...

Tudo isso compunha a sinfonia diária da rotina veterinária. E, no meio disso, eu.

A medicina veterinária nunca foi apenas sobre curar doenças.

Ela é sobre restaurar alegria, devolver esperança, aliviar dor.

E, acima de tudo, sobre laços.

Laços silenciosos, construídos no olhar dos animais que passam por nossas mãos e na gratidão dos tutores que confiam suas vidas a nós.

A primeira paciente do dia foi Luna, uma Golden Retriever de oito anos, trazida pela família após semanas de apatia e falta de apetite.

Sua tutora segurava a guia com firmeza, mas seus olhos denunciavam a preocupação.

Capítulo 15: O Coração Que Guia, a Recompensa Que Vem

— Doutor, ela não é assim... Sempre foi tão animada, tão carinhosa.

Parece que algo está errado, mas a gente não sabe o quê — disse ela, com a voz embargada.

Ajoelhei-me ao lado de Luna.

Seu olhar era cansado, mas doce.

Passei a mão lentamente por sua cabeça e, naquele instante, senti que ela queria me dizer algo. "Me ajude."

Fizemos os exames, conduzimos as investigações e, ao final do dia, tínhamos um diagnóstico: um problema hepático tratável.

Não era simples, mas havia esperança.

E é disso que a veterinária é feita: de esperança.

O Olhar Que Vale Mais Que Mil Palavras

Na semana seguinte, Luna voltou para o retorno. Mas algo era diferente.

Seu olhar estava mais vivo, a cauda abanava levemente. Assim que me viu, caminhou até mim com passos ainda lentos, mas determinados.

Capítulo 15: O Coração Que Guia, a Recompensa Que Vem

E então fez algo que me pegou de surpresa: encostou a cabeça em minha perna e fechou os olhos por um breve instante.

Era um gesto simples, mas poderoso. Um agradecimento silencioso.

A tutora, com lágrimas nos olhos, sorriu:

— Acho que ela sabe que o senhor a ajudou.

Aquele momento valeu mais do que qualquer palavra.

Não foi a primeira vez que senti essa gratidão silenciosa.

E certamente não seria a última.

Porque esse é o verdadeiro pagamento do veterinário: o olhar de um animal que, mesmo sem falar, nos diz tudo.

O dinheiro, as contas, os desafios financeiros da profissão... tudo isso existe e precisa ser considerado.

Mas nenhum valor pode comprar o que sentimos ao ver um paciente voltar à vida.

Capítulo 15: O Coração Que Guia, a Recompensa Que Vem

A Recompensa Que Sempre Vem

Após o expediente, sentei-me um instante na sala de descanso da clínica, observando os prontuários do dia.

Cada nome, cada história, cada recuperação... tudo fazia sentido.

Lembrei-me de quantas vezes ouvi que a veterinária não era uma profissão lucrativa, que muitos desanimavam ao verem os desafios financeiros do caminho.

Mas a verdade é que, quando se trabalha com amor, com comprometimento e ética, o retorno vem.

Sim, dinheiro é importante.

Ele mantém a clínica funcionando, paga a equipe, permite investir em equipamentos melhores e nos dá estabilidade para continuar ajudando.

Mas ele nunca pode ser a única motivação.

Ele precisa ser a consequência natural do trabalho bem-feito.

E essa era a maior lição: não precisamos escolher entre paixão e prosperidade.

Capítulo 15: O Coração Que Guia, a Recompensa Que Vem

Podemos ter os dois.

Fazer o que se ama e ser bem recompensado por isso não são conceitos opostos.

Na verdade, são complementares.

A paixão nos move, mas é o nosso esforço, dedicação e o valor que entregamos que transformam isso em uma profissão próspera.

O Verdadeiro Sucesso

Ao fechar a clínica naquela noite, parei por um instante e olhei ao redor.

Vi a equipe conversando, rindo, se despedindo com cansaço, mas com satisfação nos olhos.

Nenhum de nós escolheu essa profissão por dinheiro.

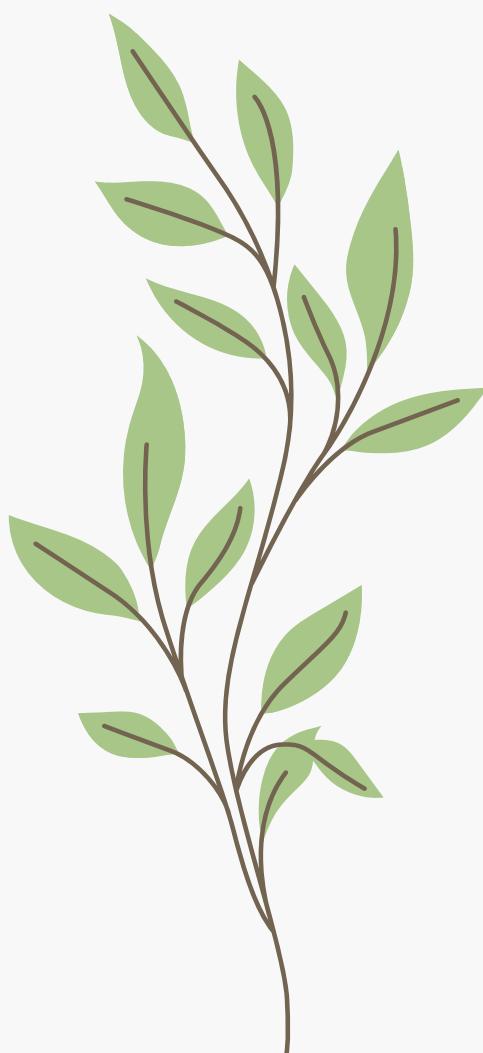
Mas todos nós sabíamos que ele era uma consequência do que fazíamos com excelência.

Capítulo 15: O Coração Que Guia, a Recompensa Que Vem

**E assim, com cada paciente salvo, cada família aliviada e
cada olhar de gratidão que recebíamos, éramos lembrados
do porquê fazíamos o que fazíamos.**

O coração guiava.

A recompensa vinha. Sempre.



Epílogo: Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói



Epílogo: Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói

A profissão de veterinário é como uma árvore em constante crescimento, onde cada folha que surge é um novo aprendizado, uma nova história de cuidado e dedicação.

A cada ramo, um novo desafio, um novo paciente, um ser que confia no toque suave, mas firme, que pode mudar o rumo de sua vida.

As folhas se abrem ao vento da curiosidade, ao calor da paixão pelo que se faz, ao som das lições que o tempo e a experiência trazem.

Algumas se erguem com força, outras, mais tímidas, se abrem devagar, mas todas têm seu lugar, seu propósito, no grande ciclo da vida.

Todos os dias, vejo nos olhos dos meus pacientes o que eles gostariam de me dizer.

É algo silencioso, mas incrivelmente claro, como se, por um momento, pudéssemos compartilhar uma conexão profunda, uma linguagem que transcende o som das palavras.

“Dói aqui, estou cansado, estou feliz, me ajuda.”

Epílogo: Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói

É o olhar que se torna um grito mudo, o gesto que revela o que palavras não conseguem expressar, o silêncio que carrega todo o peso de um sofrimento ou a leveza de um alívio momentâneo.

Eu, como veterinário, sou o tradutor desse sofrimento, dessa alegria, dessa esperança silenciosa.

A minha missão é dar voz a esses seres que, por mais que possuam olhos repletos de emoções, não podem verbalizar o que realmente sentem.

Às vezes, é um simples olhar distante, como se o animal estivesse se afastando para se despedir, buscando um pouco de paz.

Outras vezes, é o olhar fixo, cheio de confiança, pedindo ajuda, pedindo para que eu não desista dele.

Cada olhar tem sua história, cada respiração carrega seu próprio significado.

E, ainda assim, o que mais me surpreende é como, mesmo sem palavras, eles nos ensinam tanto.

Eles nos ensinam sobre o amor incondicional, sobre a lealdade que não conhece limites, sobre a resiliência de continuar lutando, mesmo quando o corpo já não aguenta mais.

Epílogo: Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói

Em meu trabalho diário, traduzir esses sinais é mais do que simplesmente diagnosticar ou tratar doenças.

É perceber o que está por trás de cada gesto, de cada suspiro.

É estar presente de corpo e alma, oferecendo não apenas o tratamento médico, mas o carinho, a atenção e, acima de tudo, o respeito que cada ser vivo merece.

É, muitas vezes, não encontrar respostas rápidas ou fáceis, mas saber que a presença, o toque, o olhar, a escuta silenciosa, tudo isso é parte do cuidado.

Mas e quando sou eu quem sente a dor? O que ninguém nos ensina é que, às vezes, nós também precisaríamos de alguém para nos traduzir.

De alguém que olhasse para nós e percebesse o cansaço acumulado, as noites mal dormidas, a culpa pelos casos que não tiveram um final feliz.

Há momentos em que o veterinário, aquele que sempre acolhe, que sempre ampara, também precisa ser acolhido.

Mas como falar sobre isso quando nossa profissão nos exige ser fortes o tempo todo?

Epílogo: Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói

Quantas vezes engoli o nó na garganta antes de entrar em uma sala de atendimento?

Quantas vezes sorri para um tutor enquanto, por dentro, carregava o peso de decisões difíceis e incertezas que jamais poderia verbalizar?

Quantas vezes fui para casa sem conseguir deixar para trás a dor do dia, revivendo na memória cada caso, cada tentativa frus

trada, cada olhar que suplicava por mais tempo?

Se os animais não falam, nós também aprendemos a silenciar.

Aprendemos a carregar sozinhos as pressões diárias, os dilemas éticos, o medo de errar, o impacto emocional de testemunhar o sofrimento repetidamente.

E o que fazemos com isso? Guardamos.

Guardamos porque acreditamos que faz parte, porque aprendemos a aceitar a dor como um preço inevitável da nossa vocação.

Mas será que deveria ser assim?

Epílogo: Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói

A lealdade dos animais é algo indescritível.

Eles não exigem explicações, não questionam os motivos, não julgam nossas falhas.

Eles apenas estão lá, ao nosso lado, mesmo quando as circunstâncias são difíceis.

Eles nos amam sem esperar nada em troca, e, de alguma forma, isso nos ensina a ser mais humanos.

Eles nos mostram que, por mais que a vida possa ser dura e cheia de desafios, ainda assim, há beleza e graça nas pequenas coisas.

O simples fato de estar ao lado deles, mesmo que não possamos falar, já é suficiente para que se sintam amados e acolhidos.

E talvez seja isso que nos salva, no final.

Porque, apesar de todas as dores que carregamos em silêncio, há algo maior que nos mantém firmes: o privilégio de fazer parte dessa conexão única, de tocar vidas, de aliviar sofrimentos, mesmo quando não podemos curá-los.

Se eu pudesse, falaria onde dói.

Epílogo: Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói

Não só onde dói para o animal, mas onde dói para seus tutores.

Onde dói para nós, veterinários, que muitas vezes nos vemos impotentes diante da dor.

Falaria sobre a gratidão silenciosa de um olhar que diz mais do que palavras jamais poderiam expressar.

Falaria sobre o impacto que um simples gesto de carinho pode ter na recuperação de um paciente, sobre o poder da presença, da compreensão.

Mas, por enquanto, só posso continuar sendo a voz dos que não falam.

E isso, no fim das contas, é mais do que suficiente. Cada gesto, cada ação, cada palavra dita com carinho e respeito é uma forma de comunicação.

É uma forma de honrar essa missão silenciosa que nos é dada todos os dias.

E, ao final, sei que, mesmo sem palavras, a conexão que estabelecemos com esses seres queridos, sejam eles cães, gatos ou outros, é mais profunda e significativa do que qualquer frase que pudéssemos dizer.

Epílogo: Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói

Eles nos ensinam, todos os dias, a ser melhores, mais atentos, mais humanos.

E, por isso, sou eternamente grato.

Cada folha é um ato de compaixão, um gesto de amor pelo ser que se cuida, seja ele um cão, um gato, ou qualquer criatura que precise de ajuda.

Cada folha cresce com a sabedoria adquirida nas práticas diárias, na relação com colegas, pacientes e seus tutores.

O veterinário, como o jardineiro da árvore, podando quando necessário, cuidando das raízes da saúde e promovendo a harmonia entre o ser e seu ambiente.

E assim, a árvore se expande, suas raízes fincadas na ciência, suas folhas dançando ao ritmo das necessidades do mundo, sempre em evolução, sempre em construção.

Porque ser veterinário é ser parte de algo muito maior, é dar vida e esperança, é fazer crescer a árvore do bem-estar, onde cada folha é uma história de dedicação, amor e transformação.



Se Eu Pudesse... Falaria Onde Dói



Glossário de Termos Técnicos

A

- **Anamnese** – Histórico clínico detalhado do paciente.
- **Anisocoria** – Diferença no tamanho das pupilas.
- **Antiemético** – Medicamento utilizado para prevenir ou controlar vômitos.
- **Ascite** – Acúmulo anormal de líquido na cavidade abdominal.
- **Ataxia** – Falta de coordenação motora.

B

- **Bacteremia** – Presença de bactérias na corrente sanguínea.
- **Biópsia** – Retirada de tecido para exame histopatológico.
- **Bradicardia** – Frequência cardíaca abaixo do normal.
- **Broncopneumonia** – Infecção pulmonar inflamatória afetando os brônquios e alvéolos.

C

- **Cardiompatia** – Doença do músculo cardíaco.
- **Cianose** – Coloração azulada da pele e mucosas devido à falta de oxigenação.
- **Claudicação** – Dificuldade ou dor ao andar, geralmente devido a problemas ortopédicos.
- **Cólico** – Dor abdominal intensa, comum em equinos.
- **Conjuntivite** – Inflamação da conjuntiva ocular.

Glossário de Termos Técnicos

D

- **Dermatite** – Inflamação da pele.
- **Diarréia** – Eliminação frequente de fezes líquidas.
- **Dispneia** – Dificuldade respiratória.
- **Displasia** – Desenvolvimento anormal de tecidos ou órgãos.
- **Distrofia** – Degeneração progressiva de um órgão ou tecido.

E

- **Edema** – Acúmulo anormal de líquidos nos tecidos.
- **Ectoparasita** – Parasita externo, como pulgas e carrapatos.
- **Emese** – Vômito.
- **Endocardite** – Inflamação do revestimento interno do coração.
- **Epífora** – Lacrimejamento excessivo.

F

- **Febre** – Aumento da temperatura corporal acima do normal.
- **Fístula** – Comunicação anormal entre órgãos ou tecidos.
- **Fratura** – Ruptura de um osso.
- **Fungemia** – Presença de fungos na corrente sanguínea.

Glossário de Termos Técnicos

G

- **Gastrite** – Inflamação da mucosa do estômago.
- **Glicemia** – Concentração de glicose no sangue.
- **Glomerulonefrite** – Inflamação dos glomérulos renais.
- **Granuloma** – Formação de tecido inflamatório crônico.

H

- **Hematemese** – Vômito com sangue.
- **Hematuria** – Presença de sangue na urina.
- **Hipertermia** – Aumento excessivo da temperatura corporal.
- **Hipotensão** – Pressão arterial abaixo do normal.
- **Hipóxia** – Deficiência de oxigênio nos tecidos.

I

- **Icterícia** – Coloração amarelada da pele e mucosas devido ao acúmulo de bilirrubina.
- **Imunossupressão** – Redução da atividade do sistema imunológico.
- **Infecção** – Invasão e multiplicação de microrganismos no organismo.
- **Intussuscepção** – Invaginação de um segmento intestinal dentro de outro.

Glossário de Termos Técnicos

L

- **Laparotomia** - Abertura cirúrgica da cavidade abdominal.
- **Leucocitose** - Aumento do número de leucócitos no sangue.
- **Leucopenia** - Redução do número de leucócitos no sangue.
- **Luxação** - Deslocamento de uma articulação.

M

- **Miosite** - Inflamação dos músculos.
- **Metástase** - Disseminação de células cancerígenas para outros órgãos.
- **Mucopurulento** - Secreção contendo muco e pus.
- **Miocardiopatia** - Doença do músculo do coração.

N

- **Nefrite** - Inflamação dos rins.
- **Neoplasia** - Crescimento anormal de células (tumor).
- **Neuropatia** - Doença ou disfunção do sistema nervoso.
- **Nistagmo** - Movimento involuntário dos olhos.

O

- **Obstipação** - Constipação severa.
- **Oftalmite** - Inflamação do olho.
- **Otite** - Inflamação do ouvido.
- **Osteoartrite** - Inflamação crônica das articulações.

Glossário de Termos Técnicos

P

- **Paresia** – Fraqueza muscular parcial.
- **Parvovirose** – Doença viral altamente contagiosa em cães.
- **Patogênico** – Capaz de causar doença.
- **Peritonite** – Inflamação do peritônio, membrana que reveste a cavidade abdominal.

R

- **Rabdomiólise** – Destruição do tecido muscular.
- **Radiopacidade** – Capacidade de bloquear raios-X.
- **Regurgitação** – Retorno passivo de alimentos do esôfago.
- **Ressecção** – Remoção cirúrgica de um órgão ou tecido.

S

- **Septicemia** – Infecção generalizada no sangue.
- **Sialocele** – Acúmulo de saliva devido a lesão de uma glândula salivar.
- **Síndrome de Cushing** – Distúrbio endócrino causado pelo excesso de cortisol.
- **Sinovite** – Inflamação da membrana sinovial de uma articulação.

Glossário de Termos Técnicos

T

- **Taquipnéia** – Respiração rápida.
- **Tenesmo** – Esforço doloroso para urinar ou defecar.
- **Torsão gástrica** – Dilatação e rotação do estômago, grave em cães de grande porte.
- **Trombose** – Formação de coágulo dentro de um vaso sanguíneo.

U

- **Uremia** – Acúmulo de substâncias nitrogenadas no sangue devido à insuficiência renal.
- **Uveíte** – Inflamação da úvea (estrutura do olho).
- **Urolitíase** – Formação de cálculos urinários.

V

- **Vasculite** – Inflamação dos vasos sanguíneos.
- **Vômica** – Eliminação de material purulento ou necrótico pela tosse.
- **Vulvovaginite** – Inflamação da vulva e vagina.

Índice Remissivo

A

Adoção de animais, Capítulo 10

Adaptação à profissão veterinária, 44

Amor e lealdade no cuidado dos animais, 82,84, 87

C

Cuidado veterinário: Aspectos emocionais, 125

Consultas e diagnósticos, 33, 97

Comunicação não verbal, 130

D

Decisões difíceis, 5, 45, 63

Doenças graves em pets, 118, 127

E

Eutanásia e decisão ética, Capítulo 3

Exaustão no plantão veterinário, 97, 105

Empatia no atendimento veterinário, 8, 35, 50

Emergências veterinárias, 5

F

Frustração frente à perda, 8

Família como apoio emocional, Capítulo 11

Índice Remissivo

I

Indiferença no trato com os animais, 97
Impacto emocional do veterinário, 128
Interação veterinário-tutor, Capítulo 8

L

Lealdade entre tutores e animais, 84, Capítulo 12
Luto e despedida de pacientes, 53, 55
Lealdade dos animais, Capítulo 13

M

Maturidade e visão da profissão, 93
Medo da perda, 23, 45
Momentos difíceis no atendimento veterinário, 105

P

Profissão veterinária: Desafios e emoções, 120
Pacientes graves, 86

R

Reflexão sobre a profissão veterinária, 5
Rotina no plantão veterinário, 10, 59
Raças e temperamento, Capítulo 4
Responsabilidade médica, 47

Índice Remissivo

S

Solidariedade no tratamento, 101

Sensibilidade ao calor, 42, 44

Suscetibilidade dos braquicefálicos, 42, 46

T

Tomada de decisão sob pressão, 51

Trauma e atropelamento em animais, 17

V

Vida e cuidados veterinários, Capítulo 11

Visão crítica sobre classe social e animais, Capítulo 12



Mário dos Santos Filho

Possui graduação em Zootecnia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com ênfase em Reprodução, Nutrição e Conservação de espécies. Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com ênfase em Clínica Médica de Animais de Companhia. Possui pós-graduação em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais, pelo Instituto Qualittas-UCB. Formou-se como Médico Veterinário Residente do Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na área de Cardiologia e Doenças Respiratórias de Animais de Companhia. Mestre em Ciências Clínicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutor em Medicina Veterinária na área de Ciências Clínicas da UFRRJ, bolsista CAPES, com ênfase em cardiologia e Doenças Respiratórias. Preceptor dos serviços de Cardiologia e Doenças Respiratórias e da área de Clínica Médica do Hospital Veterinário da UFRRJ. Membro do Colegiado Executivo do Núcleo Docente Estruturante da Universidade de Vassouras. Vice-Coordenador do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras.



@mario._.filho
mario.vet.filho@gmail.com



UNIVASSOURAS